



**UNIVERSIDADE POPULAR DOS MOVIMENTOS SOCIAIS
FORUM SOCIAL TEMÁTICO – PORTO ALEGRE
JANEIRO DE 2012**

**Relatório da Oficina 2
*Interculturalidade, plurinacionalidade, afrodescendentes, indígenas e
dissidência sexual***



Coordenação geral: Nilma Lino Gomes (Ações Afirmativas na UFMG/CESAL/Brasil)
Demais coordenadoras: Lilian Celiberti (Articulação feminista Marcosur/Uruguai)
Maria Paula Meneses (CES/Coimbra-PT/CES Aquino de Bragança-Moçambique)
Virgínia Vargas (Articulação Feminista Marcosur/ Peru)

Equipe de sistematização: Daniel Tygel (Economia Solidária), Giana F. da Rocha(UFRGS), Lilian Gomes (CESAL/UFMG), Tatiane Izabela dos Reis (Ações Afirmativas na UFMG) e Rosângela Góes (Centro de Formação em Economia Solidária-MT).

**Centro Universitário La Salle (Unilasalle)
Canoas, 22 e 23 de janeiro de 2012**

Sumário

Sobre a Universidade Popular dos Movimentos Sociais	03
Oficina 2 Interculturalidade, plurinacionalidade, afrodescendentes, indígenas e dissidência sexual.....	05
Domingo 22 de janeiro, 1ª parte manhã	05
Domingo 22 de janeiro, 2ª parte manhã	18
Domingo 22 de janeiro, à tarde.....	18
- Trabalho de grupo	18
- Falas institucionais	19
- Retorno do Trabalho dos 4 grupos	20
Grupo 1	20
Grupo 2	21
Grupo 3	22
Grupo 4	23
Debate e síntese dos trabalhos de grupo	24
Segunda feira, 23 de janeiro, manhã	30
Retorno dos grupos.....	31
Grupo 1	31
Grupo 2	32
Grupo 3	33
Grupo 4	34
Debates após as apresentações dos grupos	34
Segunda feira, 23 de janeiro, tarde	37
Síntese dos principais pontos discutidos na parte da tarde.....	46
Agradecimentos e considerações finais.....	48
Síntese da Oficina 2	59
Anexos.....	65
Lista de participantes.....	66
Imagens e recordações.....	69

SOBRE A UNIVERSIDADE POPULAR DOS MOVIMENTOS SOCIAIS (UPMS)

No desenvolvimento do Fórum Social Mundial (FSM) algumas organizações dos movimentos sociais, ong's, sindicatos e intelectuais concluíram que *não será possível alcançar a justiça social global sem uma justiça cognitiva global*. Nesse contexto, começou a ser gerada a idéia de constituição da UPMS a qual foi amadurecendo com as seguidas edições do Fórum. Durante o encontro de 2003 do Fórum Social Mundial é lançada a *Universidade Popular dos Movimentos Sociais* por uma democracia cognitiva global.¹

A Universidade Popular dos Movimentos Sociais – Rede Global de Saberes é um espaço de formação inter-cultural que promove um processo de inter-conhecimento e auto-educação com o duplo objetivo de aumentar o conhecimento recíproco entre os movimentos e organizações e tornar possíveis coligações entre eles e ações coletivas conjuntas. Constitui um espaço aberto para o aprofundamento da reflexão, do debate democrático de idéias, da formulação de propostas, da troca livre de experiências e da articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos sociais locais, nacionais e globais que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo.

O Público

O público alvo da UPMS é composto por ativistas e dirigentes de movimentos sociais, membros de organizações não governamentais, de associações, sindicalistas bem como cientistas sociais, investigadores e artistas empenhados na transformação social progressista.

A UPMS funciona através de uma rede de interações orientada para promover o conhecimento e a valorização crítica da enorme diversidade dos saberes e práticas protagonizados pelos diferentes movimentos e organizações. Sua essência está no seu caráter inter-temático, forjado através da promoção de reflexões e articulações entre diferentes movimentos como os feministas, operários, indígenas, estudantis, negros, LGBT, ecológicos, etc.

Oficinas realizadas

São realizadores da UPMS todos os envolvidos nas oficinas (workshops) e na constituição de uma rede global de saberes.

Já foram realizadas as seguintes oficinas:

- Oficina de Tradução Cultural em Medellín – Colômbia (29 e 30 de 2007)
- Oficina na Costa Rica (2007)
- Oficina de Tradução entre Movimentos Sociais em Córdoba – Argentina (12 e 15 de setembro de 2007)
- Oficina em Belo Horizonte – Minas Gerais (01 e 02 de agosto de 2009)-
Temática escolhida: Relação entre Movimentos Sociais e Estado.
- Oficina em Porto Alegre – RS (24 e 25 de julho de 2010)
Temática escolhida: Construindo diálogos entre Movimentos Sociais e Universidade.

¹ [http:// www.universidadepopular.org](http://www.universidadepopular.org)

Oficinas realizadas no FST em Porto Alegre, 22 e 23 de janeiro de 2012:

- Oficina 1: Terra e Soberania Alimentar, Direitos Humanos, e Economias Solidárias/Populares – São Leopoldo – RS;
- Oficina 2: Interculturalidade, Plurinacionalidade, Afrodescendentes, Indígenas/Dissidência Sexual – Canoas - RS
- Oficina 3: Ecologia. Madre Tierra, Recursos Naturais, Extractivismo – Porto Alegre-RS.

OFICINA 2 *Interculturalidade, plurinacionalidade, afrodescendentes, indígenas e dissidência sexual*

Países representados: Argentina, Brasil, Chile, Equador, Espanha, México, Moçambique, Peru, Portugal e Uruguai.

Movimentos Sociais representados: movimento feminista, movimento de mulheres indígenas camponesas, movimento de mulheres lésbicas, movimento de mulheres negras, movimentos em prol da diversidade sexual, cooperativas comunitárias, LGBT, movimento negro, movimento *hip-hop*, movimento de jovens negras, movimento quilombola, associação de capoeira, movimento ambientalista, movimento indígena brasileiro, movimento do campo.

Perfil de intelectuais participantes: intelectuais ligados a projetos de economia solidária, centros de estudos e institutos de pesquisa, educação intercultural indígena e do campo, associação nacional de pesquisadores negros, movimentos sociais e educação, movimento negro e educação, arquitetura e urbanismo, estudos pós-coloniais, educação popular.

Também participou da Oficina uma integrante da cooperativa Catarse. A Catarse foi responsável pela filmagem das três oficinas para produzir uma Vídeo-Carta, com depoimentos e imagens de alguns participantes, apresentada no Fórum Social Temático durante a reunião do dia 28/01/2012 e disponibilizada no site da UPMS.

Cabe ressaltar que, nos dias 20/01/2012 e 21/01/2012, todos os integrantes da coordenação da UPMS se reuniram, em Porto Alegre, para organizar as três oficinas, discutir os seus pontos centrais, decidir coletivamente sobre a condução dos trabalhos e as atividades de socialização das mesmas durante o Fórum Social Temático nos dias 24/01/2012 e 28/01/2012.

No primeiro dia da oficina, representantes do movimento feminista nas suas várias vertentes e formas e do movimento LGBT no Brasil e demais países latino-americanos questionaram a sua ausência como sujeitos sociais, bem como das suas lutas no título da oficina. Ao serem advertidos dessa situação, a coordenação e todos os integrantes concordaram com a mudança do nome da Oficina 2 e a ela acrescentaram o que constatarão como uma ausência. Portanto, a Oficina passou a se chamar: *“Interculturalidade, Plurinacionalidade, Afrodescendentes, Indígenas e dissidência sexual”*.

Domingo 22 de janeiro, manhã

1ª parte manhã: APRESENTAÇÕES

A maior parte dos 34 participantes da Oficina hospedou-se no Canoas Parque Hotel, o que propiciou durante todo o encontro momentos de interconhecimento e de descontração no café da manhã, almoço e jantar, bem como no deslocamento para o local da oficina, o Centro Universitário Unilassale de Canoas e nos momentos de lazer à noite. Ademais muito dos participantes da oficina chegaram no dia anterior o que

também contribuiu para uma interação entre alguns antes mesmo do início das atividades.

Cabe destacar o apoio, a solidariedade e o comprometimento da Prefeitura Municipal de Canoas que proporcionou as melhores condições de infra-estrutura para o êxito desta oficina.

A oficina teve seu início às 09h e 30 minutos do dia 22/01/2012

Nilma Gomes

Nosso objetivo nesses dois dias é que possamos criar um espaço de troca sobre: quais são nossos objetivos? O que podemos fazer em comum? Quais são nossas diferenças? Então o nosso objetivo é criar esse espaço, aproveitando o próprio Fórum. Depois teremos uma apresentação do que é a UPMS, ela surge dentro do Fórum Social Mundial de 2003, vem aumentando, crescendo, ainda que lentamente, mas com muita vontade de dar certo. Eu não organizei sozinha essa oficina, há outras colegas que estão comigo: a Lilian Celiberti, a Gina Vargas e, também, a Paula Meneses que irão se apresentar com mais calma depois. Nós teremos pessoas que vão nos ajudar durante esse tempo: a Tatiane, a Giana, a Lilian Gomes, Daniel e Rosangela. São referências para vocês nesses dias. Vamos então iniciar com nossa apresentação, mais formal, mas antes tenho que apresentar para vocês a Sara, do grupo Catarse. Nós queremos inicialmente explicar para vocês que as atividades do Fórum e as atividades da UPMS, têm uma parceria com este grupo, que é uma cooperativa. Eles vão filmar as três oficinas, esta e as outras duas, para produzir uma Vídeo-Carta, com as nossas imagens, que será apresentada no Fórum Social Temático, nas duas atividades em que a UPMS irá participar. Vou explicar depois, com calma, mas adianto que elas ocorrerão no dia 24/01 e no dia 28/01. Depois precisamos conversar com vocês sobre uma autorização para esse trabalho de filmagem, o Fórum tem uma perspectiva de expandir e de divulgar o que é produzido dentro dele, portanto, não essa atividade de filmagem não tem nenhum aspecto financeiro. É uma atividade da militância, e Sara vai explicar para vocês o que é esse trabalho.

Sarah Brito

Bem, vou tentar falar devagar, pois nem portunhol tenho para tentar me comunicar. Nós vamos fazer o registro audiovisual, como explicou a Nilma, para fazer a Vídeo-Carta da UPMS. Então algumas vezes eu vou chegar com a Câmara bem próxima de vocês, mas, por favor, juro que depois a gente corrige as imperfeições no *Photoshop*. Amanhã vamos trazer uma relação para vocês assinarem com a autorização de uso de imagem, pois todo o material da cooperativa Catarse é licença criativa. Licença criativa significa que não tem direito autoral nas nossas produções. Elas são para livre reprodução, são conteúdos livres da internet, ou seja, não temos fins lucrativos. Isso aqui não vai virar nenhum comercial, nenhuma propaganda, nada do gênero. Temos o site da cooperativa que é: www.coletivocatarse.com.br. Para quem tiver curiosidade para ver esse tipo de Vídeo-Carta, nós temos um modelo que fizemos na Feira de Santa Maria, na Feira da Economia Solidária. Basta ir ao *Youtube* e colocar: Vídeo-Carta Santa Maria, para quem quiser ter uma ideia sobre o que será feito.

Nilma Gomes

Achamos melhor avisar desde o início, sobre essa situação, melhor do que as pessoas ficarem sendo filmadas ou fotografadas e não saberem bem o que é, para onde vai. Inclusive a divulgação dos sites e blog é para que vocês possam acessar, visitar e verificar o resultado do trabalho. Ok?

Então começaremos pela apresentação. Pensamos como poderíamos nos conhecer desde

o início e depois, no Hotel, durante o intervalo, vamos conversando mais para trocar. Então pensamos em quatro pontos para as nossas apresentações. Primeiro, nosso nome, depois falarmos de nós de nossas próprias identidades. Então pensamos em como fazer isso Estado? Lugar? Cidade? Geográfico? Mas também sabemos que temos nossas pertencas que são étnicas, que são dos grupos e movimentos sociais dos quais participamos. Portanto, seja livre para falar de onde você se identifica, sendo como grupo étnico ou sendo uma outra forma de organização, *pueblos*. De que cidade você vem, de qual região você vem, de qual país você vem. Vamos registrar rapidamente para que possamos ter um quadro do nosso perfil nessa oficina. Uma outra forma de nos apresentarmos além do nome, grupo étnico, de cidade, Estado, região, é a organização ou o movimento do qual participamos, por exemplo: eu venho da universidade, do movimento social ou de um sindicato ou de uma organização não-governamental, enfim, dando uma visão de quais são as organizações aqui presentes. Um outro ponto de nossa apresentação será: afinal qual é o foco principal da luta social da qual você participa? Pensando no foco principal da luta da qual participamos, então, quem são os nossos aliados? No meu caso, do Movimento Negro do qual eu venho, meu lugar de aprendizado, da minha família, mas quais são as alianças que eu vejo na minha luta, dentro do Movimento Negro, no trabalho na Universidade? Estou somente dando o meu exemplo. Quando nos apresentarmos *miramos* esses quatro pontos, falamos desses quatro pontos para falar de mim. Ah sim, temos que ter um tempo estipulado para *hablar*. Pensamos em 3 minutos para sermos bem sintéticos, vamos ter esse tempo para nossas intervenções, vamos tentar nos organizar. Quando alguém estiver passando do tempo farei um sinal para que a pessoa termine sua fala, ok? Então vamos começar, mas antes Sandra, da Morada da Paz, gostaria de fazer uma mística.

Sandra Andréia Soares Mendonça

Gostaria de pedir que todos viessem aqui para o meio.

Movimento de todos se dirigindo para o centro

Bom dia, eu sou Sandra da Morada da Paz e queria propor uma dinâmica. Queria que todos dessem as mãos: a mão direita para cima e a mão esquerda para baixo. A mão direita doa e a mão esquerda recebe.

Todos realizam o movimento.

Eu vou fazer um canto e daí vocês me acompanham. O canto é Mãe Terra, como uma forma de abençoar a todos que conseguiram chegar a essa terra. Fazer uma abertura com esse círculo mágico, nós sabemos o quanto lutamos para estar aqui. Serão dias com certeza lindos e dias que vão marcar a nossa vida e a nossa existência para sempre, pois cada dia de nossa vida é único e temos que fazer valer o agora. Talvez não tenha outra possibilidade. Então eu vou cantar e vamos ver se conseguimos acompanhar:

♪ *Mãe terra eu te sinto sobre os meus pés*

Mãe terra ouço o seu coração bater

Reia, reia, reia, reia, reia, reia ou!!

Reia, reia, reia, reia, reia, reia ou!! ♪

Sandra: O ideal seria fazer isso na rua, com os pés na grama.

Novamente:

♪ *Mãe terra eu te sinto sobre os meus pés*

Mãe terra ouço o seu coração bater

Reia, reia, reia, reia, reia, reia ou!!

Reia, reia, reia, reia, reia, reia ou!! ♪

Agora mais uma vez já que todos conseguiram pegar ao final nós vamos colocar a mão no coração, como sentindo uma corrente. Escutando. Sentindo um o coração do outro.

Não pode coração ficar sem mão.

♪ Mãe terra eu te sinto sobre os meus pés

Mãe terra ouço o seu coração bater

Reia, reia, reia, reia, reia, reia ou!!

Reia, reia, reia, reia, reia, reia ou!! ♪

Não pode coração ficar sem mão.

Eu vejo, eu sinto, eu estou...

Todos repetem: Eu vejo, eu sinto, eu estou...

Nilma Gomes

Muito obrigada!!

Aplausos

Começam as apresentações dos participantes da Oficina 2.

Lilian Celiberti Rosas – Montevideu, Uruguai. Participo da Articulação feminista Marcosur e movimento de mulheres. Tenho nesse movimento como centro de minhas atividades, o diálogo com outros movimentos, particularmente, com as mulheres indígenas com um trabalho que começamos a fazer há dois anos para aprofundar o diálogo do movimento feminista e outros movimentos, movimento indígena e afro, particularmente. Como movimento de mulheres não somos uma única coisa, temos muitas diversidades entre nós. A construção desse diálogo tem sido um desafio, algo central para nós. Temos muitos aliados, os movimentos sociais em geral: ecologistas, movimento camponês. Não quero privilegiar alguns porque como feministas participamos em todas as lutas, mas nem todos os outros movimentos participam de nossas lutas. Nós temos alianças, particularmente com os movimentos da diversidade sexual, na promoção na América Latina dos parâmetros contra o patriarcado, contra o racismo.

Gina Vargas – Peru. Faço parte da Articulação Feminista Marcosur, que é uma corrente política feminista na América Latina. Meu foco de lutas é o corpo. Como disse uma grande amiga minha, o corpo é território. Nossas alianças com os movimentos: indígena, movimento afro, dissidência sexual, o foco também é a luta pela democracia, pois todas essas lutas são lutas democráticas. Nossos aliados e aliadas são muitos e muitas e tenho participado do Fórum Social Mundial desde o começo no sentido de construir alianças. Portanto nossos aliados são todas e todos aqueles que estão lutando pela transformação das relações entre mulheres e homens, na perspectiva da transformação do público e do privado.

Eber Marzullo – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre (Brasil). Desenvolvo atividades que buscam estabelecer uma relação através da Universidade, entre troca de conhecimento acadêmico e científico e saberes populares do movimento social, particularmente interessado que a Universidade seja capaz de reconhecer a legitimidade desta produção. E é isso, obrigado.

Paula Meneses – sou moçambicana, trabalho no Centro de Estudos Sociais da

Universidade de Coimbra. Como eu costumo dizer o grande objetivo da minha luta é mostrar a ideia do continente de onde eu venho, eu venho do continente africano, venho do Índico e o Índico é muito diferente do Mar Atlântico, que une a América e o lado Ocidental da África. Eu venho do Oriente. O Oriente é muito complexo, grande encontro de culturas e com pontos de ruptura e nós queremos uma outra globalização, que não a globalização neoliberal. Portanto, o meu grande objetivo em conjunto com uma série de movimentos os quais venho trabalhando, e integro, dentro eles o CODESRIA que é uma associação interafricana que promove a imagem da complexidade do continente africano. Estamos com grandes alianças com outros movimentos sociais com questões relacionados com outras medicinas, outras histórias, outros saberes, outras experiências, outras representações de estado e outras representações do poder. O que eu poderia dizer de uma forma muito rápida é que nosso grande objetivo da luta é pela democratização da história. Não houve uma história só, o que temos até agora é a história da Europa, mas todos nós temos outras histórias e o grande objetivo dessas organizações com quem trabalho é que outras histórias existem, e temos que criar diálogo indicando que outras histórias existem.

Luzia Antonia Apodonepá de Oliveira – etnia Umutina - Mato Grosso – Brasil. Sou do Movimento de Mulheres Indígenas Mato Grosso. Sou conselheira local de saúde, conselheira municipal de segurança alimentar e, também, faço parte da representação Estadual de Mulheres de Mato Grosso. O objetivo da luta a qual eu represento, o movimento indígena, é fazer com que o povo indígena viva com dignidade. E o foco principal é a agricultura familiar e a segurança alimentar dos povos indígenas. Atuo na área de produção da agricultura familiar na minha comunidade indígena. E também desenvolvo trabalhos com outras etnias do Mato Grosso, também estou iniciando outros trabalhos com as comunidades tradicionais ribeirinhas e quilombolas. Meu objetivo é fazer a formação dessas comunidades na área de produção e artesanato também, que é o nosso foco.

Luis Afonso González Oña – Equador. Grupo Salinas, de um movimento cooperativista da Paróquia de Salinas de 40 anos. Nós, do grupo Salinas, estamos na Província Bolívar, que tem como característica localizar-se no ponto mais alto do Equador, a 1560 metros de altura. E vindo a Porto Alegre sinto muito a diferença de clima. Somos uma organização basicamente camponesa e indígena e estamos desenvolvendo uma proposta de economia solidária. Nossos aliados mais importantes são os movimentos indígenas e campesinos – graças a uma conjuntura política e a um presidente que promove a economia solidária estão fazendo parte das alianças que estamos trabalhando.

Ruth Mary Ramos Azañedo – Lima - Peru. Nasci na Província do Cuando Cubando, cidade de Chicote na década de 1970. Nossa organização é o movimento homossexual de Lima, junto com o grupo *Mhol* somos um dos movimentos mais antigos na América Latina. Meu foco de luta atualmente é o direito de luta pelo direito das mulheres lésbicas urbanas. Nossos aliados, com quem trabalhamos, são o movimento feminista e algumas organizações dos direitos humanos.

Miguel Arroyo – Belo Horizonte. Trabalho na Universidade Federal de Minas Gerais na Faculdade de Educação e o movimento social que acompanho são os movimentos sociais do campo, principalmente o Movimento Social Sem Terra. Tenho acompanhado toda a construção da Escola do Campo na formação de educadores e educadoras do

campo. E, além de educadores e educadoras do campo, também participo da formação de educadores quilombolas, indígenas. Somos aliados de todo esse trabalho. Tenho um pouco como função escrever sobre essas experiências dos movimentos sociais e acho que é obrigação de quem está na Universidade é escutar e estar atentos a esses movimentos e traduzi-los a partir de seus saberes e tentar colocar em diálogo com outros saberes na Universidade. Sobretudo, na questão da pedagogia. Há outros conhecimentos produzidos, há outras pedagogias construídas a partir dos movimentos sociais. Tem um texto que foi colocado à disposição de vocês, onde faço essa pergunta: em que medida os movimentos sociais e a diversidade de as ações coletivas estariam produzindo outras pedagogias?

Zelia Amador de Deus - Belém – Pará – Brasil. Sou ativista do movimento negro há muitos anos. A entidade que participei desde o processo de fundação, já tem 35 anos, é hoje o CEDENPA, do Pará. Então venho do Pará, região norte do país. Sou Professora da Universidade Federal do Pará e atualmente estou na Presidência da Associação Brasileira de Pesquisadores e Pesquisadoras Negros e Negras (ABPN). O foco da minha luta é a luta racial de combate e à discriminação racial. Nossos aliados têm sido as entidades do movimento negro em geral. O racismo é um dos entraves que dificulta essa aliança maior de todos os movimentos sociais do país, a gente vem tentando se aliar, pois nós entendemos que o combate ao racismo não deve ser obrigação só dos negros. O combate ao racismo e a discriminação racial tem que ser obrigação de todas aquelas pessoas que se preocupam em transformar a sociedade.

Luana Natielle Basilio e Silva – Teresina - Piauí - Brasil. Sou advogada da Bamidelê, Organização de Mulheres Negras da Paraíba e estou aqui representando a Associação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB). Nossa gente aprende a história da Europa, o feminismo que temos no Brasil é feminismo branco que não percebe a especificidade e a maior vulnerabilidade da mulher negra. Foi interessante ser apresentada depois de Zélia, pois ela introduziu essa questão da discriminação racial no Brasil. E a organização em que eu trabalho, a gente trabalha com mulheres negras: de comunidades tradicionais de terreiro, quilombolas, então, esse é o nosso foco. E nós temos alguns aliados: nacionalmente tem a Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB), tem a Liga de Mulheres Lésbicas que também é parceira nossa. E também sou pesquisadora, estou escrevendo um texto “o direito dos de baixo”, que mostra essa história que a gente não conhece. Ouvir essas histórias que a gente não escuta, produzir esses discursos diferentes do projeto hegemônico. Então, o meu trabalho é escutar esses saberes que são sonogados pela história.

Larissa Borges – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Peço licença aos ancestrais. Agradeço pela oportunidade de participar desse processo. Minha origem é no Movimento de Juventude Negra e Favelada. Hoje eu estou na organização de Mulheres Negras Ativas, que também é uma organização feminista negra que trabalha pelo empoderamento das mulheres negras, fortalecimento, melhoria das condições de vida e luta das mulheres negras. Nós trabalhamos com o combate ao racismo e ao machismo. Trabalhamos em rede com outras organizações como o Fórum Nacional de Juventude Negra e nosso trabalho é o combate ao genocídio e extermínio da juventude negra, que vem morrendo de diversas formas e que está sendo praticado pelo Estado e por outros organismos da sociedade. E também participamos do Círculo da Juventude Afrodescendente das Américas que, agora, no final do ano passado, realizou o primeiro encontro Mundial de Jovens Afrodescendentes. Então temos buscado aliança com a

juventude negra do Brasil e de outros países para combater o racismo, o machismo a homofobia e o genocídio. Só mais uma coisa: eu também estou na Universidade e estou desenvolvendo uma pesquisa sobre as relações de gênero no *hip hop* e no *funk*.

Mafalda Eugenia Galdames Castro – Chile. Sou uma das fundadoras da Associação Nacional das comunidades indígenas de Mapuche. Sou do Movimento de Mujeres Campesinas (Movimento Mapuche Chileno), trabalhamos com as mulheres rurais, indígenas e campesinas. Estou trabalhando com os direitos nos direitos laborais, principalmente, os direitos a uma soberania alimentar e estou também trabalhando com o tema da violência contra as mulheres. Estou trabalhando principalmente com o ponto focal das mulheres jovens, porque consideramos que há uma ausência na formação de mulheres jovens. E na Marcha das Mulheres estamos trabalhando, principalmente, o tema do entrelaçamento dos temas das mulheres campesinas, o que significa o tema da soberania alimentar, meio ambiente, recursos naturais e ademais, tudo o que significa os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres jovens. Não devemos ser monotemáticos, mas devemos trabalhar os direitos integrais das mulheres em todos os aspectos. Em relação aos outros movimentos sociais, como dizia Lilian Celibert, temos muita integração, a Via Campesina, Marcha Mundial das Mulheres. Temos muito trabalho.

Lourdes Huanca – Peru. Sou Presidente da Federación Nacional de Mujeres Campesinas Artesanas Indigenas Nativas y Asalariadas del Peru (FEMUCARINAP)², uma das fundadoras dessa organização. Uma de nossas lutas principais é a defesa da soberania alimentar, defesa do direito de participação política das mulheres. Trabalhamos diversos temas não apenas o tema do direito ao território que é a terra que produz o que necessitamos para comer mas, também, trabalhamos com o direito ao território de nosso corpo. Sempre nos ensinaram a defender o território da terra, mas não nos ensinaram como cuidar do território do nosso corpo. Por isso temos trabalhado o respeito aos direitos da mulher, no sentido de que muitas vezes dentro dos movimentos campesinos ou indígenas a palavra lésbica ou a palavra homossexual, dentro das comunidades campesinas, não é dita. São termos totalmente discriminados. São temas duros, são temas complicados. Também sou coordenadora latino-americana dessa organização, trabalho com a Via Campesina, trabalho com as companheiras feministas, temos uma articulação com os comitês. De que maneira, nós, mulheres campesinas aportamos economicamente nossos locais, como lutamos em nossos espaços é um tema que se está trabalhando também.

Rui Leonardo Souza Silveira – Mato Grosso – Educação do Campo/MST. Sou mineiro matogrossense e atuo principalmente ligado à questão da educação no campo, vinculada às questões da agroecologia e da economia solidária. Nesse sentido, nossos aliados lá são muitos: nós temos o movimento sindical, os movimentos ligados à Via Campesina, movimento das mulheres camponesas. E acredito que este espaço é um espaço fundamental para nos fortalecer enquanto movimento. No momento em que se diz que os movimentos sociais estão enfraquecendo, em declínio, esta é uma resposta à altura de um outro mundo: um mundo de respeito às pessoas, respeite a terra, que combate tanta injustiça.

Segundo Tercero Iglesias – Venho da Espanha, moro em Madrid, mas nasci em Estramadura. A organização a que pertencço é o Instituto de Estudios Políticos para

² Lema: Mujer, tierra, água, semilla es fuente de vida.

América Latina y Ásia (IEPALA), tem 56 anos de história e tem a sua origem no Uruguai. Que mais? Nosso trabalho principalmente é a ideia de democratização das relações norte/sul, e a democratização da relação dos conhecimentos. Neste ponto, como representante de uma organização internacional de luta pela democracia eu tenho um vínculo com a *Universidad Complutense* de Madrid. A ideia é gerar um grande movimento crítico com o tema da cooperação internacional. Nossos aliados e lutas são os movimentos sociais e nosso grande campo de estudo é o poder que tem a sociedade civil de não deixar que só os outros tenham poder. A ideia é tentar misturar todos os conhecimentos para produzir um conhecimento mais democrático dos saberes.

Dutsã Top Tiro - Mato Grosso MOPIC – Movimento Indígena Xavante. Buenos dias, *good morning* a todos. É a primeira vez que estou em Porto Alegre. Venho representando a Mobilização dos Povos Indígenas do Cerrado (MOPIC). Morei oito anos na favela. A nossa luta é para respeitar o Cerrado de Mato Grosso. Todo mundo se esquece de Mato Grosso, e estamos lutando para salvar o Cerrado, pois está cheio de agrotóxico. Atualmente sou Presidente do Wara –Associação Xavante – da rede Cerrado e é isso. O convidado inicialmente para esta oficina, Hiparidi Top Tiro, não pôde vir e eu vim no lugar dele. Nosso aliado é principalmente a Rede Cerrado.

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva - São Carlos (SP/ Brasil). Trabalho há 22 anos na Universidade Federal de São Carlos, na cidade de São Carlos, no interior de São Paulo. Também sou integrante do movimento negro. Meu foco de luta é a educação e o combate ao racismo a discriminação racial, a educação para as relações raciais e as políticas de ações afirmativas. É nessa luta que temos aliados, seja com a universidade, seja com os movimentos sociais negros e indígenas, de pessoas que lutam pela terra. Também o foco de nosso trabalho é fazer com que a Universidade se ligue aos movimentos sociais e os movimentos sociais à universidade. A ideia é fazer algo que não seja separado, mas cabe a nos da Universidade se por à disposição, produzir conhecimentos que seja do interesse dos movimentos sociais e acolher os conhecimentos dos movimentos sociais não como objeto de estudo, mas como parceiros produtores do conhecimento, em um diálogo.

Rodolfo Viana- Canoas (RS/Brasil) Presidente da Associação de Capoeira Angola Nascente Palmeiras. Faço um trabalho com a capoeira angola com os grupos em situação de vulnerabilidade social, com resgate da cidadania.

Isabel Cristina Genelício - Canoas – Rio Grande do Sul - Brasil. Sou líder quilombola de Canoas, Presidente da Associação do Quilombo Chácara das Rosas. Faço parte da Federação Quilombola do Estado do Rio Grande do Sul (FACQ). Sou coordenadora nacional da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ). Esse processo se iniciou com as comunidades rurais. Mas agora com uma atualidade, nós do movimento quilombolista estamos também tentando acolher as comunidades urbanas. Nós, da Chácara das Rosas, somos a primeira comunidade urbana a ser titulada. A CONAQ faz com que se construa um diálogo com o governo federal.

Lilian Celiberti pediu uma explicação sobre o que são comunidades quilombolas, pois outros países não conhecem essas realidades.

Isabel Cristina Genelício - Quilombos são remanescentes e descendentes de escravos,

e só são denominadas comunidades quilombolas aqueles que resistem no território. É uma determinação. Isso é feito dentro de um estudo que é feito dentro de uma pesquisa, de um laudo antropológico. Isso só pode ser feito com a comunidade se autodenominando quilombola. Não é o movimento que diz quem é quilombola. A comunidade tem que se autodenominar quilombola. Quilombola são remanescentes de escravos, que é o ponto de partida e após isso aquela comunidade que resiste há mais de 70 a 100 anos. E partindo pelas lideranças daquela comunidade se autodeterminar. E isso tem que ser respeitado pelo movimento local. Em espanhol se diz Palenques.

Nossos aliados aqui dentro do Estado do Rio Grande do Sul são várias outras associações, várias outras representações que fazem um trabalho de assessorias às comunidades quilombolas mas, atualmente, nós da FACQ e Conaq estamos divididos em regiões e fazemos esse diálogo juntamente. Uma dificuldade que nós encontramos é de dialogar com o governo, pois a questão quilombola ganhou um certo patamar e alcançando um certo interesse pela questão em si: de recursos, de acesso a política, de projetos. Então isso fez com que o próprio movimento social se dividisse, principalmente no Estado do Rio Grande do Sul. Eu teria muitas outras coisas a dizer, mas já está bom.

Paula Meneses - Quando vocês estiverem explicando os movimentos e as associações expliquem o significado das siglas...

Dinarte Belato – Universidade de Ijuí (UNIJUI) localizada no Ijuí, no Nordeste do Rio Grande do Sul, muito próxima a fronteira com a Argentina, próxima a Província de Mission. O trabalho ao qual estou ligado é o trabalho de Extensão Universitária, a relação entre a universidade e os movimentos sociais. Coordeno um projeto que se chama identidade étnica na sala de aula, em cumprimento à lei 11645, que é uma Lei que nasce posteriormente como resultado do compromisso da Conferência de Durban, que consiste na verdade na introdução da história dos povos africanos, dos afrodescendentes e dos indígenas. E o trabalho mais importante que nós fazemos é junto às escolas, aos professores, à produção de material, a assistência aos professores. Constatamos e, ali, na prática, a gente vê isso, quão fortes são o preconceito e o racismo não reconhecidos. Então, o trabalho que nós estamos fazendo hoje é fazer intensas pesquisas para compreender como o racismo funciona. Eu mesmo estou tentando fazer um estudo histórico que tem um título provisório que é: “A construção dos seres humanos como inferiores na cultura ocidental”. E me espanto de ver de que maneira profunda a nossa cultura produz as condições ideológicas e políticas para fazer a discriminação e criar as condições da dominação e mesmo da escravidão. Então, é uma tarefa política que nós fazemos muito, muito fortemente. Trabalho também com o Movimento dos Sem Terra, isso há muito tempo, que é um compromisso da Universidade inclusive e com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Álvaro Queiruga – Montevideú, Uruguai. Represento o coletivo Ovejas Negras, um movimento de dissidência sexual. Meu foco de luta é a defesa dos direitos humanos, luta pela igualdade dos direitos humanos, mas especificamente pela diversidade sexual, na luta contra a discriminação. Os aliados naturais são aqueles que lutam contra a discriminação, que lutam pela igualdade dos seres humanos mais especificamente o movimento feminista e as lésbicas. Tentamos fazer uma aliança com o movimento sindical, mais ou menos com êxitos e fracassos. Também temos aliados internacionais, na Argentina e algumas alianças com movimentos brasileiros.

Fernando D'elio - Argentina, vivo em Buenos Aires. Bom dia! Trabalho em Sexualidades y Género Akmatá, temos uma luta de muitos anos luta pelos direitos sexuais. O movimento feminista tem sido aliado nos últimos anos. Mas nos últimos anos também estamos em conexão com outros movimentos de diversidade sexual, cooperativista, com lutas citadas por Mafalda, Lourdes, com todos que lutam, basicamente isso.

Shirley Aparecida de Miranda - Sou de Belo Horizonte, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Eu trabalho com a formação intercultural de educadores indígenas e com a formação de educadores do campo e participo do programa Ações Afirmativas na UFMG que pretende ampliar e democratizar o espaço da universidade para o ingresso as pessoas negras. O foco principal da minha atividade é em torno do direito à educação, e no nosso entendimento o direito à educação se articula com a afirmação do reconhecimento da diferença, identidades; se articula também ao direito ao território, nas lutas pelas terras, e os direitos ligados à diversidade sexual e por conta disso todos esses tem sido parceiros dessa construção. Atualmente pesquiso o direito à educação com foco na construção da educação quilombola, sobretudo, em Minas Gerais e pesquiso também uma política específica para a educação indígena com a construção de territórios etnoeducacionais, que depois poderemos discutir. Os aliados são todos os movimentos de luta pela identidade, reconhecimento e direitos sociais.

Milene Machado - Canoas. Sou da Marcha Mundial das Mulheres (MMM). A Marcha é um movimento social internacional, apartidário. Em nossa luta nos aliamos com outros movimentos, com as mulheres rurais e urbanas e a nossa luta é contra a violência contra as mulheres e a pobreza. Então nós temos esse eixo, pois sabemos que a violência é estrutural ela é inerente ao sistema capitalista e patriarcal. Nós fazemos marchas, trabalhamos com ações, e nessas ações saímos às ruas fazendo os debates e sensibilizações de grupos e vem com a gente também a Liga Brasileira de Lésbicas (LBL), o Movimento Negro e também o Movimento Indígena. O campo de ação da Marcha também envolve a autonomia econômica das mulheres, a legalização do aborto, paz e desmilitarização, bens comuns e serviços públicos e a denúncia da violência contra as mulheres. Esses são os nossos principais campos de ação. A Marcha, no Brasil, começou no I Fórum Social Mundial, mas ela já existia, no Quebec, desde 1995, quando as mulheres saíram às ruas saíram pedindo pão e rosas.

Sandra Andreia Soares Mendonça – Canoas. Sou da Comunidade Morada da Paz que é uma ONG que trabalha com a educação ambiental e a espiritualidade. Fica localizada em Triunfo, que é um dos municípios vizinhos de Canoas, onde nós estamos. Eu vivo na Comunidade Morada da Paz: tem mata nativa, tem açude, a gente trabalha com toda uma cultura. Um dos nossos focos é a educação ambiental e dentro da educação ambiental nós trabalhamos com todos os grupos sociais: sejam as mulheres, sejam as crianças, a população local e os grupos de direitos humanos também. Então os nossos aliados seriam todos os movimentos e instituições que trabalham com a educação ambiental e os direitos humanos. Uma das missões da Morada da Paz, nesse momento é trabalhar a questão dos movimentos indígenas latino-americanos.

Narciso Barreira Bassols – México. Universidade Autonoma de Thicala. Agradeço muito o convite de vocês para assistir a essa oficina. Sou acadêmico de muitos anos, trabalho com diversas universidades em meu país, especialmente vinculado com temas indígenas e, atualmente, com os temas indígenas e da ecologia. E atualmente estou

ligado aos movimentos sociais em meu país e na América Latina em relação a um problema que estamos vivendo no México, e que se vive na América Latina, que é o problema dos transgênicos. Este é um tema transversal, que toca desde a questão da fertilidade, até as grandes territorialidades, gênero, etc, etc. E atualmente acompanho diversos movimentos e em processos reais em comunidades indígenas e camponesas de meu país para a formação de comunicadores locais e investigadores locais em cada região para que conheçam sua realidade e transformem essa realidade. Meus aliados são todos os indignados. São todos os movimentos de reivindicação de esquerda que lutam pela transformação. É muito importante que se diga que, no México, há cinco, seis anos temos um governo de direita que instaurou uma guerra que já matou 40 mil mexicanos na guerra contra o narcotráfico e, portanto, é um tema também muito latino-americano que também é necessário se fazer visível. *Muchas gracias.*

Lilian Gomes – Belo Horizonte. Sou pesquisadora do Centro de Estudos Sociais América Latina. Trabalho de modo mais específico com o direito quilombola ao território e com todas as questões ligadas ao reconhecimento, redistribuição e representação política e jurídica, porque uma questão importante dessas lutas é não apenas o direito a representação política, mas também a dimensão jurídica. Então tenho trabalhado nesse foco: o direito à terra mas também o direito às identidades, ao direito ao reconhecimento dessas identidades; e por estar muito associada ao Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais, nessa luta da representação política. Como alguns já disseram quando se tem essas lutas todas não é possível estabelecer fronteiras. Na verdade estamos todos, digamos, estamos todos irmanados às lutas das mulheres, da diversidade sexual, mas também à luta pelo território, território do corpo, mas também o território físico onde os grupos têm suas formas de criar, de fazer e de viver. Então, eu diria que os aliados da luta são todos aqueles que estão preocupados com essa emancipação social, com essa emancipação de todas essas formas de opressão e de subordinação das formas de vida de criação e expressão de sentimentos mesmo.

Rosângela Goes - Mato Grosso. Sou do movimento de economia solidária – Centro de Formação em Economia Solidária da Região Centro Oeste, no Brasil. Nós trabalhamos com educação de adultos de modo geral, mas nos voltamos mais especificamente nos últimos anos para a educação em economia solidária. Os nossos aliados são pessoas que lutam por uma emancipação de forma geral, mas também nessa dimensão da emancipação econômica que é tão importante para a vida do adulto na América Latina. Na nossa região trabalhamos com diferentes povos: os camponeses, as comunidades urbanas, os indígenas – que tem muitas etnias em nossa região - e os quilombolas. E os aliados são todos esses movimentos.

Peti Pichiñam – Argentina. Centro Educativo Pueblo Mapuche. *Federacion Neuquina Mapuche.* Venho da Argentina, mas o povo Mapuche também está no Chile. Fundamentalmente nossa luta é pelo território como povo. Sou educadora do Centro Educativo Autônomo Mapuche. Esta atividade tem relação com o fortalecimento cultural interno e, ademais, estamos na luta pela inclusão de nosso conhecimento no currículo escolar do Estado. Essa é uma luta que estamos desempenhando. Nossos aliados são as associações de direitos humanos, os trabalhadores em educação – e seria bom se fossem mais comprometidos - os trabalhadores de fábricas recuperadas. Nosso objetivo é buscar alianças com a sociedade não Mapuche. Um dado é que fui convidada para vir aqui e muito me interessou estar presente, pois estamos com um projeto de

criação de uma Universidad Mapuche Intercultural.

Carla Marques – Canoas, Rio Grande do Sul. Presidente da Associação de Mulheres Negras de Canoas (AMUNECA). Nosso foco de luta é o trabalho geração e renda para as mulheres, a questão do combate ao racismo, autonomia das mulheres e os nossos aliados são todos os movimentos sociais que a gente conhece.

Nilma Gomes - Belo Horizonte. Sou professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais; nessa Universidade integro a equipe do Centro de Estudos Sociais da América Latina. Estamos começando o trabalho, queremos trabalhar mais com outros colegas da América Latina. Eu coordeno um programa chamado Ações Afirmativas na UFMG. Como a Shirley já falou, nós trabalhamos com a permanência de jovens negros e negras que entram para a universidade. Trabalhamos com o fortalecimento acadêmico desses estudantes. O foco da minha luta, em primeiro lugar, é a luta contra o racismo. Esse é o primeiro foco de minha luta. Juntamente com a luta contra o racismo insiro também a luta contra todas as outras formas de opressão que atingem não somente a raça negra mas, também, outros povos. E os aliados da luta da qual participo, para mim, são todos aqueles que participam da luta pela superação do racismo seja no Brasil, seja em outros lugares do mundo. Esses são meus primeiros aliados. Os outros são todos os movimentos sociais que lutam pela emancipação social e pela construção da igualdade social que considere de fato a diversidade, não como discurso, mas a diversidade, na prática, com todas as tensões e conflitos que isso significa.

Tatiane Izabela dos Reis - Belo Horizonte. Bom dia. Sou pedagoga, de Minas Gerais e atuo como professora na Rede Municipal. Particpei na minha graduação como bolsista do Programa que a Nilma coordena na UFMG e, desde então, não larguei dela. E ai a gente vem trabalhando juntas. Não estou envolvida diretamente em nenhum movimento social, mas na minha prática na escola não deixo de estar nessa luta também contra o racismo, contra todas essas desigualdades.

Giana Flores da Rocha. Porto Alegre. Sou estudante de graduação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 2011, trabalhei com uma bolsa tendo a orientação do Professor Eber, que já se apresentou. Na Faculdade meu foco de luta é o direito por moradia digna e acesso a serviço de arquiteto para todos. E meus principais aliados são os indignados, como o professor Narciso falou.

Sarah Brito – Porto Alegre. ONG Catarse. O Coletivo Catarse existe há oito anos em Porto Alegre. Nós trabalhamos com a comunicação dos movimentos sociais. Somos o braço armado com a câmara, dos movimentos sociais, pois a comunicação é uma ferramenta de luta muito importante. Então, há oito anos nós trabalhamos com isso. Paralelamente a isso somos aliados de vários movimentos, e se destaca o movimento negro, onde somos muito próximos aos quilombos de Porto Alegre e do Estado do Rio Grande do Sul como um todo. Temos um projeto de resgate histórico da cultura negra do Estado do Rio Grande do Sul, através do áudio visual, que é a nossa linguagem original. Então, é assim que a gente atua nos movimentos. Além disso, somos membros do movimento da economia solidária e por sermos uma cooperativa acreditamos que a autogestão é a única forma de gerar trabalho.

Nilma Gomes - Muito prazer a todos e a todas. Agora nós vamos parar um pouquinho,

um intervalo para um café e água. Faremos um lanche, na sala ao lado, para voltarmos para a segunda parte.

Domingo, 22 de janeiro 2ª Parte manhã

Nilma

Vamos passar para a outra parte. Conforme todos podem ver temos aqui 33 pessoas de diversos movimentos, organizações, lugares e que atuam em universidades, organizações. É um grande desafio e uma riqueza ficarmos dois dias juntos para fortalecermos a troca de experiências e aprendermos uns com os outros. Quero dar alguns avisos muito rápidos da nossa organização antes de entrar em uma explicação bem rápida do que é a Universidade Popular dos Movimentos Sociais. Todos receberam as pastas com os slides completos, aqui, vou passar apenas alguns. Há um texto do professor Boaventura de Sousa Santos que discute a Universidade Popular dos Movimentos Sociais. Tem um texto também do livro *A Gramática do Tempo* que está no site.

Passaremos aos informes.

Foram apresentados informes sobre: horário, refeições, transporte até o hotel, tickets de passagens, programação das três oficinas da UPMS no Fórum Social Temático etc. A seguir, os integrantes acompanharam a exposição dos slides e explicações sobre a UPMS e esclareceram dúvidas. Foi acordado que cada um(a) teria três minutos para falar; após isso, o grupo todo acenaria com as mãos, para que as pessoas soubessem que estavam ultrapassando o seu tempo. A necessidade de respeitar os tempos de fala de todos foi afirmado como muito importante.

Domingo, 22 de janeiro, à tarde

Trabalho de grupo

Após o almoço, as atividades da Oficina 2 reiniciaram às 14 horas. Lilian Celiberti iniciou o período da tarde propondo uma dinâmica através da qual o conjunto de participantes se dividiria em 4 grupos. Cada grupo discutiria e sistematizaria duas perguntas, a partir de suas lutas:

- 1. Avanços;*
- 2. Dificuldades e limites.*

Lilian

A ideia é que se façam debates mais gerais e não de apresentação das histórias específicas de cada luta, os participantes devem apresentar os avanços, mas também os limites: as dificuldades para avançar, as dificuldades para conquistar mais aliados e aliadas. Enfim o que sentimos como desafios, como limites para podermos continuar. Os grupos devem tentar tirar conclusões mais gerais. Está claro? Alguma dúvida. O retorno às 16:00 horas.

Intervalo para discussões em grupo.

No retorno dos grupos houve a participação de Boaventura de Sousa Santos e de autoridades do Governo estadual e da Prefeitura de Canoas para saudar os presentes.

Falas institucionais

Tarson - *representante do Governo do Estado do Rio Grande do Sul responsável por relações internacionais.*

Gostaria de dar as boas vindas em nome do governador Tarso Genro: temos contribuído com o FSM desde o início, como uma das principais atividades do Estado na relação com os movimentos sociais.

Como responsável de Relações Internacionais do governo [do Rio Grande do Sul], sabemos que é importante uma ação como essa proposta pela UPMS. As relações internacionais têm que ir além dos diálogos políticos ou trocas econômicas, têm que se promover uma integração entre os povos.

A multiculturalidade, os afrodescendentes e os indígenas da América Latina são importantes para nós. Estamos com os amigos do mundo afro, trabalhando as questões dos afrodescendentes no Rio Grande do Sul. Parece que somos um estado “branco”, mas há antepassados da África no Rio Grande do Sul. Nosso trabalho, então, tem muito a ver com o que se passa aqui na UPMS.

Jairo J. Silva - *Prefeito de Canoas*

Boas vindas. É uma alegria recebermos vocês. Boaventura nos desafiou para esta ideia da UPMS, e nós aceitamos o desafio. Temos o grande desafio de buscar a democracia, liberdade. Nós que vemos a importância da área social, somos herdeiros de lutas de muitas gerações que nos antecederam.

O Boaventura nos colocou pela primeira vez em contato com militantes de diferentes lutas, de diferentes países, e vemos as semelhanças que têm que ser partilhadas. Acho que esta oficina vai enriquecer muito a experiência da UPMS.

Minha origem é dos movimentos comunitários. Estou prefeito, é algo provisório. Quando nós, dos movimentos sociais, somos eleitos, precisamos fazer diferente. E isso em 3 dimensões:

1. estimular a autonomia dos movimentos. Muitas vezes a esquerda entendeu a relação com os movimentos como sendo de aparelhamento. Não pode ser isso, já está comprovado: tem que ser um pacto de respeito e diálogo, e não de tutela. Estamos aqui para a emancipação. A questão da autonomia, portanto, é central: como fortalecermos a autonomia dos movimentos sociais?
2. Fortalecer/promover o protagonismo. Os movimentos sociais têm que ser protagonistas das políticas sociais, e não só “beneficiários”. Têm que poder ajudar a elaborar e executar as políticas sociais.
3. Fortalecer os movimentos sociais. E acho que a forma de se fazer isso é se fortalecendo a cidadania, para contrapor a um individualismo, a um desencanto sobre a participação. Então fazemos todo um sistema de participação popular. Canoas é a cidade que tem maior percentual de participação de população em processos participativos: 10% dos eleitores participam dos debates. É um grande resultado, e precisamos ainda avançar mais. Estou certo que suas experiências aqui também vão nos enriquecer. Agradeço a oportunidade.

Boaventura - *Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra*

Não pude estar de manhã, pois estava na oficina 1, que tratou de economia solidária, soberania alimentar... Fico com vocês hoje até à noite.

Quero saudar vocês, neste momento de refundação da UPMS. É a primeira vez que conseguimos ter vários movimentos de vários países nas nossas oficinas.

Quero agradecer ao governo estadual e à prefeitura de Canoas. Na presença do Prefeito Jairo, de Canoas, gostaria de dizer que vejo a participação cidadã de Canoas como um dos sistemas mais avançados e consistentes sistemas de participação que eu conheço. E isso não é à toa: é porque o prefeito apóia eventos como esta oficina que estamos fazendo aqui.

Pedi ao Prefeito se poderíamos jantar com todos os participantes das 3 oficinas, juntos. E ele concordou e vai nos apoiar para isso.

Teremos então um jantar coletivo, das 3 oficinas. Com isso, teremos um momento de festa e descontração em que todos e todas se verão e se encontrarão. Senhor Prefeito, agradeço muito.

Há algo muito grave se passando no Brasil: neste preciso momento, a polícia está expulsando, em Pinheirinhos, São Paulo, 1.700 famílias, e há mortos confirmados. E isso é um problema grave, pois o Brasil é um país emergente, com influência, que acolhe a Rio +20, e está matando pessoas que lutam pela sua morada. E ainda por cima é um terreno que seria comprado, e com uma rixa entre os ambientes local e federal da justiça. É algo absurdo. O mínimo que podemos fazer é um reconhecimento das pessoas, e um repúdio à violência.

Estarei com a presidenta do Brasil no dia 26, e quero perguntar a ela: “como isso é possível?”. Gostaria de saber se é possível construirmos alguma declaração pública de nosso repúdio a esta direita oligárquica e anti-democrática que segue ameaçando os avanços que os movimentos têm conquistado.

Retorno do trabalho dos 4 grupos

Após as discussões, os quatro grupos retornaram e, juntos, relataram o resultado do diálogo sobre os avanços, lutas e limites dos movimentos sociais representados na Oficina 2. Cada grupo escolheu um(a) relator(a) que apresentou os pontos centrais para todo o conjunto. Ao longo da apresentação, outros integrantes fizeram complementações. As falas foram gravadas pela equipe de sistematização, filmadas pela Catarse e anotadas no quadro pelas coordenadoras da oficina para que todos pudessem visualizar e acompanhar.

Grupo 1

Narciso

Há 3 coisas importantes a dizer:

1. nosso grupo tinha a maioria de mulheres combativas, que teve uma reflexão muito aguda e pertinentes sobre as problemáticas.
2. Havia uma riqueza de experiências e práticas, que é uma pena perdermos aqui.
3. As lutas são difíceis, e infelizmente temos visto alguns retrocessos em várias das experiências.

Vou colocar alguns temas que chamaram a atenção:

1. **Mulheres:** Mulheres do Peru nos apresentaram problemas similares, mas um olhar a partir da perspectiva indígena, e outro da perspectiva mais urbana. Há coincidências entre estas perspectivas. As organizações de mulheres indígenas são muito fortes, e até mesmo parecem mais fortes que o movimento de mulheres em geral.
2. **Afrodescendentes e quilombolas:** houve falas a partir de dois lugares.

Chamou-se a atenção de como leis importantes estão invisíveis, e não têm sido implementadas como, por exemplo, a de se mudar a história nas escolas para mostrar a história afrodescendente e quilombola. Isso é importante especialmente no Brasil.

3. **Diversidade sexual:** O companheiro argentino nos conta de avanços que há neste campo, pois há uma capacidade maior de articulação entre os vários movimentos relacionados à diversidade sexual.
4. **Bem viver: Movimentos de reivindicação de uma vida mais espiritualizada:** iniciativas que trabalham coisas muito interessantes. A questão da espiritualidade também é emergente não só no Brasil, mas também em outros países.
5. **Luta contra os transgênicos:** no México, por exemplo, temos lutado contra o milho transgênico, a semente da morte. Conseguimos em alguns casos frear a Monsanto, destas iniciativas que degradam a biodiversidade do país. Esta luta tem tido um apoio fundamental de três atores: os movimentos de mulheres, especialmente indígenas; as igrejas progressistas; as pessoas mais velhas, que estão tomando um papel importante nesta luta.
6. **Subjetividade** apareceu muito forte: A questão do machismo apareceu como um limitante importante das lutas.

Mafalda

O governo mexicano está usando uma falsa luta contra as drogas para desarticular os movimentos sociais.

Grupo 2

Larissa

Minha mãe sempre disse que são as mulheres é que vão mudar o mundo, e a cada dia tenho mais certeza de que ela estava certa.

Há um modelo de poder contra o qual lutamos e que se impõe ao nosso jeito de ser e estar no mundo e que dificulta nossas intervenções.

Dificuldades/retrocessos:

1. A cosmovisão afroindígena não é percebida, é invisível;
2. Falta de sistematização e visibilização das ações neste campo;
3. Falta financiamento para ações relacionadas a este tema;
4. Há países que falam pelos demais no continente. Por exemplo, a África do Sul falando pela África, e o Brasil falando pela América Latina;
5. Há políticas públicas, mas muitas destas não contemplam o que lutamos. Precisamos valorizar a relação com o Estado, ou enfrentar este modelo de monocultura do Estado?;
6. Racismo e Machismo;
7. Desvalorização das culturas populares na educação;
8. Conseguimos muito reconhecimento, mas ao mesmo tempo isso tem se refletido com muita repressão, muita violência.

Avanços:

1. Diálogo com outros povos, outras culturas;
2. Nossas práticas de luta estão mais avançadas, apesar de ainda

haver dificuldades na sustentabilidade.

Espaços potenciais de fortalecimento:

1. Educação é um espaço estratégico de transformação;
2. Juventude também é algo estratégico que precisa ser potencializado.

Grupo 3

Luana

Tínhamos apenas duas pessoas de fora do Brasil e por isso acabamos fazendo uma análise muito relacionada a este país:

1. Há várias legislações que protegem a população negra: a obrigatoriedade do ensino de história afrobrasileira e indígena nas escolas, e as cotas para a população negra.
2. A América Latina está num momento em que há políticas de promoção para a população negra, mas o racismo não é enfrentado.

Avanços:

1. Um avanço conjuntural do protagonismo dos movimentos na construção de políticas públicas. A sociedade civil como grande sujeito histórico.
2. Nos últimos anos, o movimento feminista tem conseguido reconhecer as especificidades dentre as mulheres: mulheres negras, mulheres lésbicas. Enfim, reconhecimento da pluralidade do “ser mulher”.

Retrocessos:

1. Direitos reprodutivos: a bancada legislativa brasileira é muito conservadora, e está desencadeando retrocessos na questão do aborto.
2. Também há um processo de extermínio da juventude negra e não enfrentamento dessa realidade pelo Estado brasileiro.
3. Criam-se organizações de promoção da igualdade racial, no Brasil, como a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), mas sem orçamento: estas instâncias são tratadas de forma marginal.
4. No âmbito de América Latina, vimos que as alianças com os governos têm sido muito difíceis.
5. A ampliação do acesso à universidade não está significando que os saberes não acadêmicos estejam sendo reconhecidos. Continua a verticalidade, em que o saber acadêmico se coloca como superior ao popular.
6. Há outras lógicas de produção e validação do conhecimento. Não é só o tipo de conhecimento, mas os métodos de produção e validação do conhecimento que estão gerando diferenças entre os saberes.
7. Não adianta ficar apenas nas questões discursivas: falta o suporte material para dar conta destes discursos.
8. Há a necessidade de aprendermos a olhar pelo olhar do outro: cada movimento tentar ver pelos olhos de outros movimentos, para crescer na compreensão mútua.

Lilian

Não conseguimos até agora fazer com que as lutas se tornem preceitos também éticos e práticos no cotidiano. Por exemplo, o movimento da paz, o ecológico, parece não ter

esta premissa. Há uma distinção entre as pautas emancipadoras dos movimentos que atacam o centro do sistema de dominação. Todos os movimentos deveriam lutar pelas questões lésbicas e homossexuais: estas deveriam passar por todos os movimentos. Esta é uma limitação.

Zélia

Dificuldades:

Temos uma dificuldade de avançarmos em alianças para além de nós mesmos. E a outra é a de conseguirmos dialogar com a sociedade. Aí fica um mito da democracia racial e da miscigenação. Isso prejudica as populações negras e indígenas, sobretudo, no Brasil, pois na verdade, isso extingue os negros e indígenas.

Grupo 4

Mafalda

Falamos muito das realidades de nossos países, e havia muitos pontos em que coincidíamos:

1. Estamos passando por uma debilidade dos governos em relação ao poder econômico e há uma afirmação do fundamentalismo religioso;
2. Por outro lado, acentuam-se as lutas anticapitalistas e antipatriarcais com a denúncia massiva do agronegócio e suas conseqüências;
3. Há as alternativas que aparecem ao agronegócio como a Economia Solidária e o desenvolvimento territorial.

Avanços/aspectos positivos:

1. Valorizamos as lutas dos movimentos, que se mantêm também na construção de alternativas, como economia solidária, cooperativismo, geração de redes;
2. Criatividade nas formas de articulação;
3. Descentralização das ações dos movimentos a partir das propostas de desenvolvimento local;
4. Processos de aprendizagem e trocas de experiências entre integrantes de movimentos e entre movimentos;
5. Recuperação de conhecimentos populares e diversidades culturais;
6. Movimentos feministas: seus trabalhos têm conseguido colocar em debate na sociedade questões como os direitos reprodutivos e a diversidade sexual, lutando com isso contra a invisibilidade destes temas.

Dificuldades/aspectos negativos:

1. O contexto internacional pesa contra nossos movimentos: um Estado anímico e um enfraquecimento dos movimentos nos vários países;
2. Os governos progressistas têm formas “leves” de tratar os movimentos e pautas sociais, mas na prática há muita semelhança de modelo com os governos privados;
3. Está imperando a cada vez mais a força do império econômico, inclusive no ambiente da educação;
4. Dificuldades de fazer com que as políticas sociais sejam sustentáveis, já que o poder estatal está cada vez mais nas mãos do poder privado.

Debate e síntese dos trabalhos de grupos

Ao término da relatoria dos quatro grupos, o prof. Miguel Arroyo apresentou algumas reflexões e provocações para o debate sobre os aprendizados que emergem dos avanços, desafios e limites das lutas dos movimentos sociais participantes da Oficina 2. Logo após, os integrantes interagiram com suas reflexões complementando e problematizando o que havia sido discutido nos pequenos grupos. Houve um pedido para que todos falassem, sempre que possível, devagar, pois alguns participantes estavam tendo dificuldades em compreender as várias línguas presentes (português, espanhol com várias pronúncias); em várias situações pontuais houve tradução feita por participantes da oficina.

Miguel

Vamos tentar colocar questões e eixos que sejam centrais para avançarmos com a UPMS. Há dois eixos: a tradução e a ecologia de saberes, discutidos pelo prof. Boaventura de Sousa Santos.

Que saberes estão sendo produzidos nesta pluralidade de práticas sociais que os movimentos sociais colocam na arena política, social, pública. Em que medida estão sendo produzidos novos saberes?

Como fazer a tradução destes novos saberes? Que questões desestabilizadoras estes saberes trazem, tanto para nossas lutas quanto para o saber hegemônico?

Que epistemologias estão sendo geradas? Que outros sujeitos estão surgindo?

Já que todo conhecimento tem como origem as práticas sociais, esta pluralidade de práticas sociais aqui gera uma pluralidade de conhecimentos.

Como sistematizar estes conhecimentos que estamos gerando aqui? E como assumirmos estes conhecimentos para colocarmos eles em diálogo?

Ou seja, queremos fazer uma transposição das práticas que dialogamos aqui, e vermos que tipos de conhecimentos e saberes estão sendo criados. Poderíamos ficar onde chegamos: identificamos o protagonismo dos atores, em especial das mulheres. Mas o que isso indica em termos de indagações para a construção de um diálogo e conhecimentos?

Chamaram a minha atenção algumas questões:

1. A presença e o protagonismo dos diversos na sociedade (resistentes). Que conhecimentos estes diversos trazem para a sociedade? Por exemplo, ao longo da nossa história há uma visão inferiorizada e sacrificial dos “outros”. Estes diversos podem mudar a visão da história?
2. Presença das mulheres, como um “diverso” muito forte. E não só a mulher, mas a mulher com sua diversidade. Há todo um pensamento da mulher como inferior. Este protagonismo das mulheres pode gerar uma outra sociologia, outro direito, outra antropologia?
3. A incorporação dos diversos na agenda do Estado. O que isso significa para a teoria política, que se esqueceu dos Outros como parte do Estado, em termos de repensar a construção do próprio Estado?
4. Até onde o Estado consegue incorporar a diversidade? Quais são as respostas do Estado? É mais controle? É mais criminalização dos movimentos?
5. Que radicalidade política trazem os movimentos sociais?
6. Os movimentos sociais lutam pelas bases materiais da existência: terra, alimento, trabalho. Eles estão colocando na sua centralidade na reprodução

da vida: não há cidadania sem humanidade.

7. Em que medida temos acúmulos de conhecimentos para o viver humano? Nossos conhecimentos estão mais acumulados sobre o direito à cidadania, à cultura, à identidade etc. Isso é importante, mas os movimentos sociais nos colocam que temos que aprender sobre o viver humano.
8. Há muito conhecimento sobre cultura, diversidade etc, mas há pouco conhecimento do que os movimentos sociais dizem e que carrega a ideia de vida. Um exemplo é a mística do MST. Isso nos puxa para deslocar e dar mais centralidade em entender a vida, compreender o profundo do viver humano. É uma grande contribuição dos movimentos sociais.

Narciso

É difícil responder a estas perguntas, mas queria destacar 3 coisas:

1. Esta emergência de outros saberes contra-hegemônicos nos movimentos sociais faz com que a universidade pare de se colocar como geradora de conhecimento, mas sim a necessidade de outra universidade. Onde estudamos, se aprendemos em todos os lugares? O diálogo de saberes tem que significar uma redefinição da universidade.
2. Emergência de acadêmicos que visibilizam saberes não acadêmicos. Por exemplo, normalmente separamos a biodiversidade natural e a diversidade cultural. Então temos que avançar para um conceito de “culturalidade”, que supere esta distinção. Como manter esta distinção se, por exemplo, as práticas indígenas mostram como ver diferentemente a natureza e como ela faz parte do que somos.
3. O humanismo dos movimentos sociais é fruto da radicalização das ações dos poderes: mulheres, indígenas, pessoas estão sendo mortas. São movimentos que saem de situações muito difíceis.

Larissa

No nosso grupo, uma companheira nos disse que a terra somos nós e nós somos a terra. Isso mostra a importância de repensarmos o que é a terra e quem somos nós nesta relação.

De que forma vamos mudar a história? Que estratégia política para enfrentar isso? As perguntas do Miguel me fazem lembrar nosso trabalho no Projeto Conexão de Saberes, na UFMG, que atua com jovens de origem popular e jovens afrodescendentes. Neste nosso trabalho vemos como é difícil ocupar certos espaços que historicamente nos foram negados: a nossa presença nestes espaços já afeta as pessoas. Por exemplo, quando há estudantes negros numa sala, uma atitude de ficar fazendo piadinha racista, fica coibida, pois nós lutamos e isso faz alguma diferença. Não é simples, mas pelo menos permite alguma transformação destes espaços. E não é fácil permanecer nestes espaços, uma vez que a reação do sistema é de extermínio. E isso nos exige novos enfrentamentos.

Ruth

Há a necessidade de avançar na base material, mas é fundamental a dimensão da vida humana, que envolve o sexo, as relações, a afetividade... Isso não necessariamente tem a ver com a base material. Então, ter a base material não é suficiente, se não podemos viver a afetividade de maneira diversa.

Petronilha

Tenho dois pontos a salientar, que me pareceram importantes no meu grupo, pois são uma proposta. Ouvindo as proposições e abordagens, nos perguntamos e afirmamos:

1. Seria importante buscar articular as diferentes políticas públicas relacionadas aos nossos temas e lutas. Embora haja especificidades, elas têm pontos comuns, como racismo, diversidade, etc. Que políticas públicas podemos articular? As políticas públicas de nosso interesse surgem por conta de lutas dos movimentos, portanto, são os movimentos sociais que conseguirão conectar estas políticas. O Estado é monocultural, mas a sociedade não é. E para que o Estado corresponda a esta pluralidade, serão os movimentos que representam esta pluralidade que poderão pressionar o Estado. Por exemplo, uma política própria relacionada à terra tem a ver com outras populações não quilombolas.
2. A educação tem que pautar as questões da diversidade. Isso tem que acontecer como um meio de realmente consolidar estas políticas.

Luzia

A partir das questões indígenas do Mato Grosso, temos percebido que para conseguirmos um espaço das mulheres indígenas, temos a necessidade de nos articular com comunidades quilombolas. Está sendo muito importante este tipo de articulação, mas mesmo assim faltam-nos apoios, pois só recebemos projetos pontuais.

Poderia haver um fundo para participarmos de eventos como esta oficina. Este é um exemplo de conquistas que precisamos conquistar.

A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) fez com que ficássemos pelados. E até hoje ainda é assim, nos sentimos amarrados. Muita coisa ainda depende da FUNAI. Já há avanços, mas precisamos avançar mais.

Tem coisas interessantes acontecendo: caciques mulheres, lideranças mulheres, presidentes de associações indígenas mulheres, etc. Uma liderança foi morta, era mulher, e ficamos muito tristes, e esta morte resultou em conseguirmos demarcar a nossa terra, conseguimos mais apoio.

Isso é uma luta nossa: as políticas públicas somos nós que conquistamos. Temos que buscar uma política pública em que consigamos trabalhar com educação popular, com economia solidária, nas comunidades.

Sandra

Na própria história dos movimentos sociais, algumas leis garantem direitos importantes para nós, mas o problema é a conquista de materialidade destas leis.

Quantos eventos como estes nós teremos que fazer para conseguir impedir o massacre de jovens? Estamos falando da vida na terra, para todos nós, mulheres, amarelos, brancos, negros, negras. Temos que avançar na humanidade, nos direitos humanos.

No Chile, os indígenas se protegem pelas leis internacionais. As pessoas não valem nada? Temos que sair daqui com ações efetivas para a vida. Temos que agir, pegar na enxada. O que vamos tirar daqui, para que se faça o renascer a esperança?

Já fui discriminada por ser descendência indígena, negra, por me vestir diferente. As pessoas me perguntam por que me visto do jeito que me visto. Não podemos puxar cada um para um lado, para lutar pelo comum, pela mãe terra.

Se não fosse a história dos movimentos sociais, não teríamos várias leis. E se estamos aqui, hoje, muitos morreram sem ter direito nenhum de falar o que pensam.

Como falar, escutar e compreender aquele que fala diferente? Como dialogar com coisas

que não conheço? Com pessoas diferentes? Somos uma unidade vida, e o que vamos levar quando sairmos desta oficina?

Dutsã

Não é casualidade de estarmos aqui discutindo direitos sexuais. Para mim, a vida digna é mais do que a materialidade. É perigoso reduzir a vida digna a questões materiais.

É preciso que uma mulher lésbica tenha direito de ser como é, sem sofrer tão gravemente por isso. Não é algo “de classe”, é um não reconhecimento de identidade, que vai muito além da questão de classe da antiga esquerda.

Álvaro

Movimentos sociais lutam pela base material de existência. A vida digna é mais do que o material. Um rapaz ou uma moça transexual podem dignamente viver? Muitas das violências não têm relação apenas com uma questão de classe. Dizem respeito ao não reconhecimento da sua identidade.

Rui

O caráter articulador da educação. Uma das dificuldades dos movimentos sociais é a falta de recursos, mas não só. Muitas vezes os movimentos pensam que a sua luta é mais importante do que outras e isso atinge a luta e alianças que se estabelecem.

Com o Estado percebe os movimentos sociais quando estes estão na esfera do Estado? Tarefa complexa quando os movimentos estão na esfera do Estado realizando a discussão e práticas para os próprios movimentos sociais. O que fazer?

A UPMS pode ser o espaço para que essa luta se solidifique e avance na possibilidade real de olhar a si mesmo e participar juntos do processo de formação.

Eber

As reflexões de Miguel nos fazem pensar sobre nossas ações como movimentos sociais, e puxo a questão da educação: como o processo educativo pode contribuir para reforçarmos o pacto entre movimentos sociais? Esta oficina é um pacto. Como envolver outros movimentos em lutas comuns?

Quando não nos envolvemos, deixamos de enxergar o outro, e paramos de defender a vida, neste momento de crise do capital.

E tem a questão do Estado. Como o Estado nos enxerga? Sou do movimento social, e uma determinada tarefa é estar em estrutura de Estado, no trabalho de educação do campo. E isso é uma tarefa complexa. Considerando a questão da autonomia dos movimentos sociais, institucionalizar isso não é a melhor saída. Então, qual seria? O que fazer? A gente respira experiências, mas ao mesmo tempo isso ainda é superficial.

Acredito que este espaço poderia nos ajudar para uma unificação desta luta: possibilidade real de nos olharmos e participarmos juntos em um processo de formação.

Outra questão que me chama atenção é a juventude: sinto muita ausência da juventude nesta oficina. A juventude e seu olhar, a sua maneira de se posicionar seria importante. Sabemos que o movimento tem pulmões, tem o gás, que é a juventude. Como a juventude enxerga os movimentos sociais? Se falamos em tradução, como a juventude nos enxerga?

Luana

Discutimos a monocultura do saber, hoje. Mas há também a monocultura da classificação social. Há questões e pautas solidárias, comuns. Por exemplo, por que os homens não estão no movimento das mulheres? Por que os brancos não estão no

movimento negro? Entretanto, não é tão fácil fazer isso, se justamente o homem é a voz que oprime. A desconstrução do homem e do branco como opressores não é fácil. Eu, do movimento de Mulheres Negras, vejo a dificuldade: nós não aceitamos homens no nosso movimento. E não vejo como superar isso agora. Como romper com este medo do outro? Nós temos este medo. Como superar esta barreira do medo, para que seja não apenas reivindicatória, mas também emancipatória? Como o homem pode começar a refletir sobre a mulher como sujeito de vulnerabilidade social?

Lourdes

Temos que ter capacidade de visão crítica em nossas ações, senão ficamos apenas com os olhares específicos. É preciso ter uma visão política. Em nosso país, quando o movimento camponês se levanta em defesa de seus direitos, é uma luta política. É preciso entender as estruturas econômicas e de poder, a direita e a esquerda.

Na comunidade aprendemos a unidade e solidariedade. Estamos aprendendo como mulheres indígenas a nos afirmar como mulheres. Os homens nos ensinam quando batem que somos inferiores.

Antes se lutava pelos direitos salariais, de trabalhadores. Agora, é a luta dos camponeses, das mulheres indígenas. A luta pela soberania alimentar: que coisa como eu? As mulheres indígenas hoje vão criando seus “bancos comunitários” e isso é uma luta econômica que queremos que seja visível. Senão fica sempre só aparecendo que só os homens trazem o econômico. As mulheres trazem ganhos econômicos efetivos para o dia a dia, e isso precisa ser politicamente visibilizado.

Isabel Cristina

Fizemos uma formação para mulheres. Como fazer com que as mulheres se mantenham em espaços de formação, avancem na sua formação?

Na educação quilombola, há a especificidade pelos valores culturais e pela oralidade. É uma política do negro, é uma política diferenciada, sim. A escola convencional não nos serve. Tentaremos uma articulação com o governo estadual: queremos uma política específica de educação quilombola. É bem diferente.

Sou educadora popular, participei de curso de formação com a secretaria de educação, para avançarmos na educação de afrodescendentes.

Zélia

Miguel diz que houve avanço de movimentos sociais na agenda do governo. No Brasil há até mesmo um ministério para tratar da promoção da igualdade racial, e das mulheres. Mas no que diz respeito à academia, não há uma consideração dos saberes dos movimentos como saberes válidos. A academia incorporou estudos sobre feminismo e da mulher, mas isso não acontece com relação à questão racial e indígena, pois a presença de negros e indígenas é mínima. Você conta nos dedos a quantidade de negros nas universidades.

Quando dizemos que precisamos de solidariedade, não é que queremos que homem branco venha no mesmo campo de luta da gente. A brancura como valor universal é que faz com que tanto os negros e indígenas sirvam para exemplificar coisas exóticas relacionadas ao “Outro”.

Temos que ampliar a presença negra nas academias. Isso já se constitui uma revolução, é o corpo que historicamente foi castigado, é o corpo que incomoda dentro de um espaço historicamente branco.

Dutsã

Ao morrer vamos para a terra, nem para o céu e nem para o inferno. Nunca vi um indígena na universidade só fazendo aula. Mas é por aí. No caso dos Xavantes, eles sofrem a opressão dos sulistas. Se paga imposto ao governo do Estado do Mato Grosso e ele [Estado] continua desmatando. Vamos morrer por terra. Se nenhum guerreiro não morrer pela terra, os posseiros vão tomar a terra. Por isso defendemos os Marãiwatsédé³. Os juristas desconhecem a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Só a partir de 2000 é que os juristas começaram a ler sobre as questões indígenas e os direitos indígenas.

Até quando sociólogos, historiadores, pedagogos vão resolver alguma coisa para podermos abraçar e dançar juntos no Brasil?

O que mais odeio no Brasil é o Fernando Henrique Cardoso (FHC). Ele mandou a polícia na Bahia matar a gente. E ele é sociólogo.

Vivi vários anos em Belo Horizonte, e as pessoas pensavam que eu era estrangeiro. Mas eu não sou estrangeiro. É culpa da escola, do Ministério da Educação (MEC), que faz as pessoas pensarem que somos estrangeiros. É preciso corrigir a educação indígena. Onde está a educação indígena de Minas e de Mato Grosso?

Lilian

Para amanhã vamos discutir: Quais são as alianças que nos permitem avançar? Como podemos dar um passo para que o que descrevemos como limites não continue acontecendo?

Para concluir, queria colocar algumas coisas.

1. Acho que temos que discutir mais as questões concretas de direitos materiais, e incluir as questões da afetividade, da diversidade, direito à felicidade, ao amor: isso tem que ser parte de nossa agenda material.
2. Não fomos capazes de levar para nossas organizações os princípios que defendemos para o mundo: como trabalhar dentro de nossas organizações contra o racismo, discriminação, a homofobia, etc. Não é verdade que está resolvido, e tem que ser trabalhado para dentro de nossas organizações.
3. Como formar as lideranças, tanto as de nosso campo, como também lideranças de outros movimentos? Há uma trava entre as lideranças políticas e a produção dos movimentos sociais.

³ No Brasil, a área de ocupação tradicional do povo Xavante de Marãiwatsédé foi reconhecida como Terra Indígena Maraiwãtsédé não apenas administrativamente (Decreto de Homologação do Presidente da República), mas também judicialmente, por sentença em 1º grau da Justiça Federal em Mato Grosso em 2007 e por acórdão unânime do Tribunal Regional Federal da 1ª Região (TRF1) em 2010. (...) Vale ressaltar que o Tribunal Regional Federal confirmou as conclusões do laudo pericial antropológico, nos seguintes termos: “22. O Laudo Pericial Antropológico, fartamente instruído por documentos históricos, corrobora as assertivas contidas no parecer da Funai, não deixando margem a nenhuma dúvida de que a comunidade indígena Xavante Marãiwatsédé foi despojada da posse de suas terras na década de sessenta, a partir do momento em que o Estado de Mato Grosso passou a emitir título de propriedade a não-índios, impulsionados pelo espírito expansionista de "colonização" daquela região brasileira. 23. As provas dos autos revelam, escandalosamente, as condutas espúrias praticadas pelos dirigentes da Agropecuária Suiá-Missú, no ano de 1966, quando promoveram uma verdadeira expulsão dos indígenas de suas terras. Primeiro submetendo-os a extrema necessidade de sobrevivência, em função da acentuada degradação ambiental, que resultou na drástica redução dos meios de subsistência e posterior alocação dos mesmos em uma pequena área alagadiça onde ficaram expostos a inúmeras doenças. 24. Em seguida, dissimulando os atos de violência num suposto espírito humanitário, articularam a transferência da comunidade indígena Xavante Marãiwatséde para a Missão Salesiana de São Marcos para, alguns anos depois, requerem junto à FUNAI uma certidão atestando a inexistência de aldeamento indígena nas referidas terras, a fim de respaldar a obtenção de financiamento junto à SUDAM” (<http://www.cimi.org.br> Acesso em 23/09/2012).

Dando continuidade ao debate, **Nilma** retomou alguns pontos discutidos tanto nas questões e provocações feitas pelo Miguel Arroyo quanto pelo debate realizado pelos integrantes e que dizem respeito os aprendizados e desafios postos pela temática central da Oficina 2: interculturalidade, plurinacionalidade, afrodescendentes, indígenas e dissidência sexual.

1. O protagonismo dos diversos na sociedade – que conhecimentos trazem os diferentes com suas presenças tão protagonistas em nossas sociedades?
2. A presença das mulheres em sua diversidade de sujeitos na lutas sociais. O que significa a mulher se afirmando como sujeito em nossas sociedades? Elas nos trazem outros conhecimentos?
3. Os movimentos sociais obrigam o Estado a incorporá-los em sua agenda. Que significa tal situação para uma teoria política a ponto de repensar o Estado?
4. Até onde o Estado consegue incorporar as pressões dos movimentos sociais? As respostas do Estado frente às lutas por emancipação é de maior controle? Ou de demonização dos movimentos sociais? Os movimentos sociais têm considerado as estratégias de extermínio desencadeadas contra os próprios movimentos, sobretudo, aquelas que atingem os jovens?
5. Os movimentos sociais lutam pelas bases materiais da existência: terra, trabalho, comida. Colocam a centralidade da produção da vida em sua materialidade. Não há cidadania sem humanidade.
6. Os movimentos sociais deslocam nossas habilidades cognitivas para pensar e considerar a vida humana, o bem viver. Em que medida temos acúmulo de conhecimentos sobre a luta pelo viver humano, pela vida digna?

À noite: Confraternização – Sarau Cultural.

Os participantes da Oficina 2 se encontraram no hotel para uma noite de confraternização. Entre cervejas, águas, etc., os participantes desta oficina individualmente e/ou em grupo, apresentaram expressões culturais: dança, poesia, vídeo, música, entre outros, relacionados à sua história de vida e experiência no movimento social do qual é integrante, animando a noite e ampliando a conversa e o conhecimento mútuo.

Segunda, 23 de janeiro pela manhã

Início dos trabalhos: 09 horas

Dinâmica dos sapatos conduzida por Larissa, do Negras Ativas.

Todos em círculo, retiraram os seus sapatos e os colocaram diante de si. A seguir, abraçaram-se e andaram no movimento de uma ciranda. Quando pararam cada um deveria calçar o sapato que estava à sua frente e andar pela sala. Foi um momento também de descontração.

Ao final, as pessoas relataram o que sentiram ao usar e andar com o sapato do Outro articulando essa vivência com a luta dos movimentos sociais, a necessidade do interconhecimento a fim de conhecermos não só as lutas dos Outros, mas nos colocarmos no seu lugar e assim estabelecermos e fortalecemos alianças políticas e de vida.

Paula - *apresentou a proposta da próxima atividade.*

Paula: Vamos nos reunir novamente em 4 grupos, e buscar identificar, a partir **do que nos une e do que nos separa, quais são possibilidades de nos unificar de maneira ampla, com todas as nossas diferenças.**

Um exemplo: quando dizemos, na África, que “a luta continua”, quer dizer que, ao terminar uma luta, é o início de outra: o fim da luta pela independência iniciou a luta indígena, autodeterminação. É interessante tentar ver a articulação, neste caso, das lutas indígenas com as lutas da África, pois ambas tratam da autodeterminação.

Outro exemplo: quando falamos de uma luta armada, normalmente as mulheres são esquecidas, como se fossem apenas para alimentar os homens. Mas elas foram quem sustentou a segurança das vilas, a salvaguarda da história, cultura, língua, e outras coisas: elas foram guerreiras muito importantes durante as guerras de libertação.

Queremos fazer algo assim nos grupos.

Chamo a atenção para outro problema: estamos aqui muito centrados num referente que não tem rosto: o capitalismo. Mas é preciso identificar a cara que combatemos. Há faces como EUA, China, Índia, Brasil. Estes processos trazem problemas importantes de gênero, raça, etnia. Então é importante saber quem são nossos inimigos e como faremos alianças para combatê-los.

Retorno dos grupos

Formaram-se novos grupos, com constituição diferente do dia anterior, mantendo o princípio da escolha aleatória, a fim de promover o intercâmbio entre os diferentes ativistas e intelectuais e suas lutas sociais. Os grupos se reuniram em espaços distintos para debater entre si o tema proposto. Novamente, os grupos elegeram relatores(as) que apresentaram uma síntese das principais discussões.

Grupo 1

Shirley

O que nos une:

1. Insistência dos movimentos em articular alianças. Um esforço para articular lutas com outras organizações e pactos de unidade. Observamos alianças firmes nas lutas de mulheres (não há fronteiras para mulheres indígenas e camponesas).
2. O movimento negro indica que há pouca solidariedade entre os movimentos sociais. Essa solidariedade necessária é o que se está tentando criar com a construção do “feminismo negro”. A AMB indica que as lutas específicas têm produzido especificidades com relação à questão racial em outras organizações feministas. A visibilidade da luta de sujeitos específicos é fundamental para permitir a união dos movimentos. É o reconhecimento das especificidades que nos permite fazer alianças.
3. Crítica dos movimentos à visão clássica da esquerda que reduz a desigualdade somente à classe social.

O que nos separa:

1. A cultura e o imaginário cultural racista, sexista e machista. Temas como combate ao racismo, aborto e diversidade sexual tensionam os movimentos,

pois isso estaria rompendo costumes e tradições. Organizações de direitos humanos no geral não contemplam os movimentos negros, a questão indígena é vista de forma paternalista, e quase não há nada sobre a diversidade sexual. Isso seria parte do imaginário cultural.

2. O interesse dos Estados e empresas transnacionais em comprometer as alianças dos movimentos: a aliança entre Estados e empresas interfere na capacidade dos movimentos fazerem alianças.

Como romper hierarquias: a prioridade é não traçar hierarquias entre as várias pautas de luta. É necessário pensar relações de equivalência entre as lutas. E isso só é possível ao se fazer reconhecimento das várias lutas, a diversidade de poder dos vários grupos, e a produção de espaços de reciprocidade entre os diversos grupos.

Grupo 2:

Petronilha

Como conclusão geral: A luta mais importante é o respeito ao ser humano: o direito de existir.

O que nos une:

1. Todas as lutas estão juntas;
2. O direito de cada ser humano afeta a todos individualmente;
3. A necessidade de reconhecimento na promoção de políticas;
4. A necessidade e desejo de nos conhecermos uns aos outros;
5. A luta contra a desigualdade, discriminação, promoção de renda, respeito à mulher;
6. O reconhecimento de que todos somos oprimidos, e a opressão age de maneira diferente para sujeitos diferentes;
7. Não somente o nosso sofrimento é válido, mas o dos outros.

O que nos separa:

1. O preconceito nos separa e nos impede de dialogarmos;
2. As urgências do dia a dia;
3. Os partidos políticos;
4. As hierarquias;
5. O empoderamento de algumas lideranças em detrimento de outros;
6. Quando uma liderança trata de interesses próprios;
7. Dificuldades de construir lideranças;
8. Diferenças de linguagem;
9. Falta de recursos financeiros que permita nos reunirmos às manifestações e ações de outros grupos;
10. A postura de falar pelos outros, e não com os outros;
11. Afetos podem nos unir como nos separar;
12. Imagens negativas e estereotipadas sobre os “Outros” criadas desde o século XVI.

O que pode nos unir:

1. Negociações conjuntas junto ao Estado (para nos dirigir ao Estado e para negociar com o Estado).

2. Adotarmos a filosofia expressa pelo *ubuntu*: reconhecer a nós próprios, reconhecendo-nos por estarmos com os outros. A nossa fortaleza está na fortaleza dos outros. Que nos fortaleçamos em espaços como estes.
3. É preciso olhar para trás para construir o futuro, tal como nos diz a filosofia Sankofa⁴.

Grupo 3

Segundo Tercero

Não tenho tão claro a capacidade de separar “o que nos une”, “o que nos separa”.

1. O que nos separa é nossa distância geográfica e também trajetória histórica. Um exemplo é a pertença do Brasil à América Latina.
O território é o que nos une a todos. O território e a territorialidade. Não só um espaço físico, mas de significados e construção de identidades. Na história dos movimentos sociais, tem acontecido uma luta contra a desterritorialização que vem com o capitalismo. Neste sentido, é preciso entender a terra não só pelo que está em cima da terra, mas pelo que está embaixo e acima. Um exemplo é a água e a mineração.
A união pelo território demonstra que o capitalismo trabalha pela apropriação privada da terra, e é contra isso que devemos lutar.
2. Outra questão é que antes se falava mais de desigualdade econômica, e agora está aparecendo mais o debate de diversidade. É preciso conseguir um equilíbrio entre as lutas por desigualdade econômica e a diversidade: como achar uma linguagem comum?
O capitalismo faz uso de nossas linguagens, e se apropria delas para se fortalecer.
3. Não deve haver uma coisa única que nos una, mas isso deve acontecer de maneira dinâmica. Há casos pontuais em que nos unimos, com pautas específicas, e outros em que estamos mais distantes. Não é algo estático.
O território significa também autonomia, autodeterminação, soberania alimentar e outras soberanias.
O reconhecimento da diversidade deve implicar a superação do medo com relação ao Outro. Uma dificuldade de conhecermos o Outro. Para reconhecermos o Outro, não é somente o teórico, mas também viver com o Outro, na sua realidade, um intercâmbio de modos de vida.
E devemos tratar de maneira indissociada a denúncia/crítica do sistema, a resistência, e a construção de alternativas. Isso pode nos dar uma capacidade maior de alianças e união.
4. É uma pergunta que surgiu no grupo: qual o rosto do inimigo? Na construção deste inimigo é preciso aprofundar as reflexões e a universidade tem que se alterar para ser capaz de lidar com isso. O inimigo é o Estado, o governo, as multinacionais?
O Estado tem papéis importantes nas políticas sociais, mas é o mesmo que faz os ataques e repressão aos movimentos sociais. É preciso aprofundar

⁴ *Sankofa*, na língua do povo / grupo étnico Akan da África ocidental (especialmente Costa do Marfim e Gana) traduz-se ao português como "volte e pegue"; pode também ser usada como referência a um dos adinkra, conjunto de ideogramas que simbolizam, na escrita dos povos Akan, o pássaro com o ovo do futuro no seu bico. Significa que nunca é tarde para voltar e recolher o que ficou para trás. Diz respeito a sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro.

este debate.

E queremos tomar o poder? Queremos mudar a estrutura do poder, talvez, ao invés de chegar ao poder?

5. Um elemento importante é que há uma luta maior que é a questão da vida digna: todos somos humanos, o direito de sermos humanos.

Grupo 4

Milene

O que nos une:

1. A identidade;
2. Sentimento de justiça social;
3. A nossa luta.

O que nos separa:

1. A vaidade;
2. A ganância pelos espaços de poder;
3. Falta de alteridade;
4. O poder econômico (apesar de que isso nos une também);
5. Achar que sua luta é mais importante que a do outro;
6. Falta de um debate mais aprofundado sobre a sexualidade;
7. Não escutar a voz e a cultura do outro;
8. Problema da comunicação;
9. A linguagem: capacidade linguística de compreender/traduzir a fala do outro;
10. A diferença entre teoria e prática: incoerência do discurso;
11. Falta de solidariedade com os outros;
12. Privatização da luta (o individualismo).

Estratégia e propostas:

1. O diálogo e a convivência;
2. Contextualizar a questão histórica de cada movimento, de modo que seja possível compreender o outro;
3. Articular as lutas macro com as lutas dos movimentos: relação entre o ter prazer (gozo) e a cidadania. Como o prazer e o gozo fortalecem a cidadania?

Debate após as apresentações dos grupos

*Após a apresentação da síntese dos grupos, **Paula Meneses** retomou e problematizou alguns pontos abrindo espaço para o debate do conjunto dos integrantes da Oficina.*

Paula

A questão do reconhecimento da vida, o respeito da vida, do outro, da comunidade, é algo bastante transversal a todos os grupos como consenso às lutas. Mas como conhecer e como reconhecer?

Houve problemas sobre os espaços em que se dão estes processos de reconhecimento. Como transformar isso em uma esfera de luta?

Há grupos que hierarquizam as lutas, e outros dizem que há horizontalidades, sem possibilidade de hierarquizar.

Apareceu também um debate sobre o Estado.

Ruth

Não apareceu o suficiente os problemas do Estado-Nação. A maioria dos movimentos sociais luta por políticas públicas, e isso envolve recursos financeiros. O problema é que os governos têm compromissos com Banco Mundial, ou coisa do gênero. O Estado então fica refém, apesar de ter suas cartas de intenções. Outro exemplo é o governo priorizar a dívida externa, e nada para a dívida social interna.

Quanto poder os movimentos sociais têm para incidir sobre o orçamento?

Rui

Enquanto movimento social: se nos negarmos a participar do Estado, como vamos efetivar as políticas públicas? Entendo perfeitamente o nível de desigualdade que existe entre as prioridades do governo.

No Brasil temos uma extensa agenda nos últimos anos, vinculando ações dos movimentos sociais com o Estado. E de algum modo, avançamos, e em outros retrocedemos. Acho que a aliança e a relação com o Estado têm que ser pauta de debate. Será que se perdermos este espaço, não perderemos também os avanços?

Lilian

Falta identificar, mais claramente, nas coisas que nos separam, o que têm a ver com a incidência de partidos políticos sobre movimentos sociais. Um exemplo foi a dificuldade de um partido em nosso país de entender o movimento de empregadas domésticas.

Há uma dificuldade de aceitar diferentes poderes. O sindicato não conseguia reconhecer a liderança de trabalhadoras que não eram “partidárias”.

Outra questão que nos separa é o combate aos fundamentalismos de todo o tipo.

Há também a dificuldade de lidarmos com nossas diferenças, por exemplo, um debate entre sindicatos mineiros e ecologistas. Um debate sobre aborto. Entre outros. Acho que isso poderia ser algo a ser tratado pela UPMS.

São debates que nos enfrentamos entre nós, e não somente com o Estado.

A questão das diferenças entre os movimentos é algo comum entre todos.

Álvaro

Temos que fazer um diálogo sobre as disputas de poder entre os movimentos. Há lutas de cada movimento e pouca capacidade de articulação mais horizontal.

Há casos de “privatização” de movimentos. Há movimentos que não permitem que outros apoiem a determinadas lutas. Uma coisa de “territorialização” das lutas.

Larissa

Sobre o Estado: nosso grupo disse que é preciso discutir essa temática entre nós, mas isso não basta. No Brasil, há muitas políticas para nós, no Estado, mas temos que nos articular para ir para o enfrentamento para conseguir orçamento disso. A construção de sistema de poder atual não é somente vinculada ao Estado. Por isso é preciso compreender melhor o sistema de poder para podermos atuar no nível macro e no nível micro.

Com relação ao enfrentamento das dificuldades com as diferenças: o convívio pode ser um caminho para vivermos as diferenças.

Mafalda

Não é simples identificar quem é o Estado. Mas, nós, como organizações sociais, temos que ter claro qual é o papel do Estado e o que ele cumpre no momento atual em que está defendendo o grande capital.

Creio que as organizações não podem se perder somente com as questões dos recursos. O Estado proporciona recursos para as organizações, via projetos. E com isso as entidades perdem muito de sua autonomia. No Chile, as organizações não conseguiram manter esta autonomia sobre o papel do Estado: tudo se mediatizou em termos de recursos. Estou convencida de que o tema de recursos não é o que defende nossa força: na ditadura do Chile não tínhamos um peso, e estávamos mais forte, e hoje estamos divididos.

É preciso termos mais humildade e compromisso e não reduzir tudo a recursos.

Paula

Há escalas das lutas. Às vezes achamos que a escala nacional é mais importante que a luta local. Me parece que isso é algo da colonialidade, pois diz que o nacional vale mais que o *pueblo* local.

Outro ponto são as classificações que estamos usando. Há momentos que tentamos construir plataformas, mas elas nos limitam quando vamos discutir com o outro lado. Por exemplo, se classificamos a natureza com “recursos naturais”, estamos já entrando numa lógica do mercado. É preciso produzir outros conhecimentos, outras noções, dinamizar entre nós, para conseguirmos falar com o outro lado.

Somos uma dupla voz: temos que ser duas vezes melhores. É preciso conhecer muito bem este sistema e criar outras formas. Então, seremos melhores.

Gina

Com esta relação entre o local e o nacional, há também a relação entre o nacional e global. Como algo global, se situa em algum ponto local. Como coisas tão importantes locais às vezes perdem sua importância global.

Lourdes

O exemplo de nossa dinâmica dos sapatos, hoje, pela manhã. Muitas vezes somos capazes de pisar os sapatos dos outros. Mas na vida real, é muito difícil fazer alianças sólidas entre os movimentos.

Nós, mulheres indígenas, incorporamos a luta feminista. Os jovens são o foco.

Para certos setores, o Estado pode não ser o inimigo, mas para outros, o Estado é sim o inimigo. Por exemplo, os indígenas são expulsos pelos governos. No Peru, todos os governos têm sido nossos inimigos, e eles só ouvem as transnacionais. Nos colocavam sempre como gente de terceira categoria. Para nós, o Estado é nosso inimigo principal. É um olhar.

Miguel

Fiquei ouvindo o que foi sendo dito e pensei numa pergunta que sempre vem nos debates sobre a UPMS: Como nos vemos? Que conhecimento temos sobre nós mesmos? Que conhecimentos estamos produzindo? Não somente na academia, mas nos movimentos. Que saberes temos enquanto movimentos sociais?

Nós nos vemos responsáveis pelos outros movimentos. Isso pode ser positivo, mas pode ser perigoso, pois pode parecer que todos dependem de nós. Acho que deveríamos relativizar este ponto. Parece que somos responsáveis pelo que nos une e pelo que nos separa. Será que somos tão autoresponsáveis pelo que nos une e pelo que nos separa?

O que nos une e o que nos separa depende de nossas atitudes. Insistimos muito nas atitudes: solidariedade, convivência, compreender ao outro... Será que não estamos caindo num tipo de moralismo? Esta coisa de que temos que ser irmãos, algo com uma lógica de “pecados capitais”. Acho que temos que repensar um pouco isso.

O que nos une e o que nos separa depende, sobretudo, de atitudes morais? Acho que isso tem que ser repensado.

Outro ponto me chamou a atenção: o que nos une e nos separa não é apenas fruto de nossa história, mas da história mais ampla. O que nos une e nos separa é toda uma história que nos produziu separados e não nos permite construir identidades positivas capazes de estabelecer o diálogo entre nós. Será que somos menos sujeito do que pensamos? Pode ser fruto da história.

Outro ponto que me pareceu importante é o Estado. Os movimentos sociais lutam por políticas de Estado. Como o Estado nos vê, como responde, como nos segmenta? Eu acho que essa reflexão pode ser muito interessante como debate.

Ruth

Quando falamos com um Ministro da Economia, que é um neoliberal duro, em nosso país, e ele controla a economia. Mas há depois o Ministro de Desenvolvimento Social, há uma pessoa mais progressista. Então, como se vai impedir a privatização das terras, se temos na economia um representante neoliberal?

Ao final do debate da manhã Paula fez algumas últimas ponderações.

Paula: acredito que as grandes reflexões daqui nos permitirão fazer uma apresentação boa amanhã⁵. Creio que Miguel traz bastante a questão do Estado. Há a história oficial, mas há também as histórias dos coletivos e dos movimentos. Estas são as que nos fazem e que o Estado não reconhece.

O grupo fez um intervalo para o almoço retomando às 14 horas para a atividade da tarde.

23 de janeiro de 2012, à tarde

As atividades foram abertas com a mística “Os Quatro Elementos” conduzida por Lourdes Huanca (Federación Nacional de Mujeres Campesinas Artesanas Indígenas Nativas y Asalariadas Del Peru), com a participação de Rosângela Góes (Centro de Formação em Economia Solidária), Rui Leonardo Sousa Silveira (Educação do Campo/MST), Segundo Tercero Iglesias (IEPALA) e Fernando D’elio (Sexualidades y Género Akmatá).

*A seguir, **Gina** coordenou a parte das atividades da tarde.*

Gina

Agora vamos tratar sobre quais são os aprendizados que tivemos nestes dois dias. Por

⁵ Paula Meneses se referia ao encontro de socialização das três oficinas da UPMS, realizado na manhã do dia 24 de janeiro, em um dos auditórios da UFRGS.

exemplo, no movimento de mulheres falamos de “nós” (um embolado, um embrulho). Podemos acessar o que aparentemente está invisibilizado dentro do embrulho/nó. Abrindo este espaço, vamos encontrando outros “nós”. Os “nós” são parte da luta feminista: a cada luta, vamos desfazendo “nós”. É preciso ver nossos problemas, além de simplesmente ver nosso inimigo, e sermos complacentes a problemáticas internas.

É importante resgatar isso para pensarmos: o que aprendemos de cada uma de nossas lutas. Quais são os “nós” ou problemáticas que descobrimos nesta oficina? Quais são as dificuldades que encontramos?

O que aprendemos de cada um aqui? E depois vamos ver se podemos descobrir com quem mais podemos nos articular, desfazer os “nós”, o que necessitaríamos para nos articular.

Começemos com a primeira parte: o que aprendemos de cada um/a dos que estão aqui. Como chegamos e como estamos saindo?

Narciso

Nesses dois dias que sentamos e nos conhecemos e falamos dos nossos problemas e de como solucioná-los, o que tem deixado a mim uma grande riqueza, no sentido que aqui se expressa a diversidade, a complexidade, mas também as dificuldades das ações. Que teremos que ir renunciando e aprendendo com os outros até criarmos uma rede e elaborarmos “nós”, pois os “nós”, não são totalmente negativos. Os “nós” constroem redes e fazem sentidos, de tal maneira esses dias para mim tem sido muito enriquecedores e agradeço ter me concedido a palavra.

Larissa Amorim

Eu também quero agradecer por podermos compartilhar esse espaço. Penso que nesses dias aprendi que não sei muito mais coisas que imaginava quando aqui cheguei. Que os desafios de organizarmos juntos são bem maiores do que havia imaginado. Então eu acho que renova estar aqui com vocês. Renova muito as esperanças, as possibilidades de lutas, renova as energias, mas também dá a consciência da dimensão do desafio que nós temos pela frente. Temos muito que aprender para poder estabelecer esse diálogo e viver essa partilha com mais verdade, de forma intensa no nosso dia a dia, nas nossas lutas. Eu acho que poderíamos contar com mais jovens negros, com mais jovens. De repente, realizar uma oficina da UPMS com os jovens dos movimentos. Quando nós chegamos, a primeira coisa que a gente notou era que tinha poucos jovens. E jovens mais jovens. Jovens de quatorze, de quinze anos, adolescentes também. Eu acho que temos muitos desafios pela frente, mas estamos no primeiro passo. Uma coisa que eu acho, e que eu aprendi, é que nós temos uma dificuldade muito grande de viver a parte da sensibilidade, da espiritualidade e de escutar o Outro diferente. Também está muito difícil de ouvir e de conseguir, de fato, entender o que o outro tem a partilhar. Outra coisa que acho e que foi aprendido nesses dias, é que não é porque estamos nesse esforço de compreensão e de diálogo que o diálogo vai se estabelecer imediatamente. Ainda vamos precisar nos empenhar em um processo contínuo para que o diálogo, de fato, se estabeleça entre nós.

Mafalda

Estamos trocando conhecimentos e ações em função de distinguir claramente quais são, nesse momento, nossos inimigos de partida. Em todos os países temos visto que há inimigos que são comuns e em função disto talvez tenhamos que fortalecer nossa aliança de unidade de trabalho para enfrentar esse inimigo. Outra coisa que me parece bastante claro é que temos que enfatizar a Educação Popular e a Educação Alternativa

não formal. Porque acredito que não bastam que nossos filhos e filhas se eduquem no sistema formal, enquanto esse sistema formal reproduz o sistema. E a cada dia nossos filhos são ilusoriamente inclusos. Os camponeses e as camponesas assumem o sonho de que meu filho ou minha filha não sejam camponeses para que sejam diferentes de mim, para que se superem. Nós damos conta que isto é um revez, porque o sistema propaga em sua educação seu modelo. No entanto, nossos filhos estão se capacitando para esse inimigo comum, não para voltar ao nosso campo. O campo está ficando sozinho, não há juventude no campo. Isto é, os jovens estão indo para a cidade, estão indo para o sistema oficial. Então creio que estas coisas também para nós são importantes. E é importante reforçar esse sistema de educação não formal e lhe dar importância, não importa o certificado. O importante é que vamos identificando toda uma educação alternativa em que vamos resgatando toda a nossa cultura e a nossa identidade.

Dutsã

Eu sou novato desse movimento, sou de um povo Xavante. É a primeira vez que eu estou participando. Já ouvi falar bastante do Fórum Social Mundial, mas nunca fui, não por falta de interesse, mas por falta de conhecer as pessoas que se integram nesse movimento. Então nesse momento eu estou muito feliz conhecendo outras culturas, outras línguas e conhecendo os parentes peruanos, os uruguaios, chilenos, que são os índios. Isso me estimula para poder lutar mais ainda. Isso que é a união de uma cultura para fortalecer o movimento social. Então, a minha preocupação com a educação dos jovens, como a gente vai educar os jovens xavantes que estão começando a pisar a terra, começando a falar, começando ouvir a televisão. Eu peço para o movimento social chamar mais índios para ouvir de perto com as pessoas diferentes, as pessoas que estão no movimento social, à frente, saber como eles pensam. É bom que eles ouçam para abrir mais no espaço da memória. A inteligência diferente. A luta diferente. Isso vai ser muito bom, se a gente chamasse muitos jovens xavantes, principalmente os Bororos, os Umutinas, os Caiapós, Xinguanos, todos os índios de Mato Grosso. Somos duas pessoas de Mato Grosso. Isso eu vou levar para o meu povo, vou contar para eles, como que está sendo a construção do Movimento Social. Qual o sentido, qual o papel do Movimento Social. Como que nós vamos entrar na discussão da política educação ambiental, do trabalho, da saúde também. A saúde lá em Mato Grosso é muito precária para os índios. Somos rejeitados, sempre. Rejeitados com uma discriminação enorme. Na saúde também. Então essa é a minha preocupação. Eu agradeço o convite também do pessoal do Movimento Social. Que eu tenho bastante interesse também de progredir mais, escutar mais, conhecer mais a cultura de cada povo. Então, muito obrigado.

Ruth Mary

Eu sinto ter conseguido aprender e isto em dois dias. Ver o impacto das políticas neoliberais na vida das pessoas de todas as regiões, não só da América Latina. Os efeitos dramáticos, por exemplo: em dispor de terras, na exploração dos trabalhadores. Por sua vez também junto a este cenário horrível, também é estimulante ver a resistência. Os esforços para por freio a essa situação que nos afeta dia a dia de maneira diversa. Porém isto é muito estimulante, sentir que há possibilidades e vamos explorando-as. Porém, eu tenho observado que existem bastantes diferenças entre os Movimentos. Diferenças de medidas de desenvolvimento, conceituais, mas alguns que se comparam a esse movimento, por exemplo, o movimento lesbianos, em Lima. Nos níveis de avanço sinto que aí teremos muito que trabalhar. E um segundo ponto que assim me pareceu duvidoso é porque não é vivido. É contar com a academia, com os ativismos sociais, isso é um processo complexo, tem muitas tensões, mas tem muitas

possibilidades. Não faz sentido essa soberba que às vezes se sente quando se dialoga com os acadêmicos ou com os teóricos (...).

Rui Leonardo

Há vários aprendizados aqui que são fundamentais e que me provocaram muito. Em alguns momentos eu senti que faltou até tempo. Porque alguns elementos que foram debatidos, eles precisariam se estender ao longo da noite e quem sabe por mais dias. Infelizmente, nós não temos esse tempo. Contudo foi possível sacar muitas pistas de quais os caminhos que devemos traçar pensando numa articulação maior de todos os movimentos sociais. Entre elas, talvez uma, que em minha opinião é fundamental, que é a questão da nossa formação política enquanto movimento social plural nos diversos segmentos. Penso que um dos papéis da Universidade Popular seria provocar situações de formação política plural, com toda essa multiplicidade de movimentos envolvidos. Inclusive para que a gente não perca de vista toda leitura do processo histórico que nos traz até aqui e a partir daí que também nos aponta o futuro e as outras trincheiras de batalha. E hoje é algo que é muito importante nesse processo nosso de pensar algo em comum, que é a concepção do entender o jogo do poder. De ter a compreensão desse jogo de poder, como ele se estabelece, como que nós nos posicionamos e quais as implicações disto na nossa articulação enquanto movimentos sociais. Acredito também que é preciso nessa agenda de formação política que nós nos mergulhemos também para a compreensão da estrutura do Estado. Dos Estados, não pensando só aqui no nosso país, mas na estrutura organizacional e legal dos Estados. Porque em alguns momentos foi amplamente dito aqui que nós legitimamos determinadas leis. Sabemos que elas existem, entretanto não há a conseqüente execução disso do ponto de vista da política pública, da agenda pública. Então, quais são os mecanismos que temos lançado mão juridicamente para impetrar isso? Acredito, sinceramente, que é possível construirmos uma agenda juntos e que essa agenda seja a nossa mola propulsora para dar resposta a esse sistema. Porque eu tenho absoluta convicção que muitas pessoas que chegaram até aqui hoje vieram e trouxeram os anseios de muitos outros que estão lá. Tenho certeza que voltamos melhores do que chegamos.

Petronilha

Aproveitando o que ele disse, me parece que um ponto importante que eu vou dizer que aprendi na perspectiva de diferentes Movimentos Sociais, e que há bastante tempo a gente vem discutindo no Movimento Negro, é a importância da formação política. Não só dos jovens, não só a formação política na perspectiva de cada movimento, mas na perspectiva da interculturalidade. Realmente é um desafio muito grande e penso que precisa ser discutido e, inclusive, com as pessoas, além das que estão aqui, com outras pessoas que estejam realmente no dia-a-dia dessas lutas.

Zélia

O movimento negro unido, jamais será vencido! Na verdade eu acho que este é um momento importantíssimo. Todo momento de encontro, de troca, de intercâmbio, é importante. Mas esse se reveste de uma importância maior, porque a gente está tentando esse encontro no sentido de construir todo acervo da Universidade Popular dos Movimentos Sociais. Então eu acho que isso dá a essa oficina uma dimensão de responsabilidade outra. Nós não estamos nos encontrando apenas por nos encontrar e intercambiar entre nós. Nós estamos nos encontrando para tentar criar algo que possa instrumentalizar a nossa luta daqui por diante. Então, eu acho que esse é um momento importantíssimo, sobretudo, por isso. Porque não é o intercâmbio pelo intercâmbio. É a

gente pensar no outro, na luta específica do outro. É quando as lutas específicas se juntam e se unem e vemos o quanto elas têm em comum e tudo isso no sentido de criar esse acervo que vai compor a Universidade Popular dos Movimentos Sociais. Eu acho que é um momento ímpar por isso.

Luana

Eu acho que a gente tem que se dar conta que a gente está num processo que é revolucionário. A gente vive esse sistema capitalista e neoliberal, ele é feito para nos separar. Então faz com que cada organização, o Movimento de Mulheres, Lésbicas, o Movimento Negro, Movimento Sem Terra sejam separados. Que a gente conflitue. A Universidade Popular dos Movimentos Sociais é revolucionária, porque ela propõe nós trocarmos nossos saberes e a gente ainda desafia. A gente chama isso de Universidade. A gente se apropria e diz que nós também produzimos conhecimento. Nós também produzimos conhecimentos tão válidos quanto. Eu acho que a gente tem que parar para refletir. Eu particularmente estou anestesiada. Em êxtase com tudo. Com a vivência. Por conversar com Lourdes, do Peru, e perceber como que é o contexto em que elas vivem. Conversar com os xavantes. Então essa troca e perceber quando você vê o vídeo “Pinheiros somos nós⁶”. Então, assim, as mulheres campesinas também somos nós. Perceber que essas lutas são emancipatórias, que nós todos estamos lutando contra esse sistema que nos oprime, para mim, está sendo de um conhecimento fantástico. Nesse encontro discutimos o relacionamento entre os movimentos sociais. Essa discussão acaba que fortalece nossos laços. Eu acho que aprendi muito e que a Universidade Popular dos Movimentos Sociais tem um caráter extremamente revolucionário.

Gina

Que ignorância temos nós? O que não sabíamos e que agora sabemos que são importantes?

Fernando

Eu não sei se isso é uma aprendizagem, mas a mim me marcou como evidente nesses dias de trabalho, foi que muitas vezes as lutas de cada um dos movimentos sociais expressam ou trabalham ou reclamam coisas pontuais. E até evidenciam uma realidade em que se vê que a luta e as reclamações são válidas e também são incompletas, às custas de alguns recursos que são incompletos e que muitas vezes manifestam mais coisas que nos separam do que nos unem. Então, escutar e trabalhar em grupo ou em plenárias e quando falamos todos descobrimos que é necessário falar não só dentro desta oficina, mas aqui e para fora todos os dias, falar sobre muitas mais coisas relacionadas com nossas lutas e que têm a ver com outras lutas para ser evidente fora e dentro de todos os movimentos. Isso é muito interessante, eu creio que aprendi aqui.

⁶ Alguns participantes das três oficinas da UPMS gravaram comentários que integraram o vídeo “O que Pinheirinho tem a ver com você?” em repúdio a desocupação da comunidade do Pinheirinho em São José dos Campos – São Paulo, Brasil. No dia 22 de janeiro de 2012, a Polícia Militar de São Paulo e a Guarda Civil Metropolitana da cidade de São José dos Campos - SP, invadiram a ocupação conhecida como “Pinheirinho” para cumprir uma ordem de reintegração de posse expedida pela justiça estadual. A violenta desocupação da comunidade ficou conhecida como “Massacre do Pinheirinho” após demonstração de violência e brutalidade por parte das forças policiais na expulsão e intimidação dos moradores despejados em meio a uma imensa confusão judicial. A forma violenta e desrespeito aos direitos humanos como a ação foi realizada causou uma indignação nacional dentre os movimentos sociais, sindicatos, organizações não governamentais e todos aqueles que lutam por direitos e pela democracia, no Brasil. O vídeo foi produzido pelo Coletivo Catarse em parceria com a UPMS.

Miguel

Eu vou colocar algumas coisas que me tocaram mais forte. E quando nos tocamos, aprendemos. Primeiro, eu saio convencido daqui que os movimentos sociais continuam vivos. Isso está claro. Eu creio que tenhamos muito mais coisas talvez que contar e aqui por esse tempo um pouco comprimido não foi possível. Nota-se que há uma vida aqui dentro e não há só uma vida lá fora, como se fala uma música. É isto me parece muito importante, porque isto demonstra que a Universidade Popular dos Movimentos Sociais tem, todavia, uma trajetória a cumprir. Um papel social a cumprir.

Outro ponto que me chama a atenção é que quando eu escuto e quando trazemos aqui nossas práticas e nossas lutas, muitas delas são as mesmas. As mesmas de quatro, cinco, seis, oito, dez anos. O que demonstra que, todavia, não se tem conseguido, há uma permanência de lutas e de fronteiras, o que demonstra o que quase deveria levar a um certo pessimismo. A luta pela terra continua. Pior do que oito, dez, quinze anos. A luta dos povos indígenas, as ocupações, a luta por água. Então tudo isto me deixa um pouco com a sensação de que: será que nossas lutas compensam? Conseguem o que pretendem, se já são tão permanentes? Ou qual será a dureza desses “nós” que nos colocava Gina Vargas? Que nenhuma serra os corta. Porque isto nos faz ter talvez análises mais profundas. Porque pensávamos simplesmente em sair em marcha. Tentando saber qual é essa corda em que estaria nesse “nó” e nós o desataríamos. Não o desatamos. Alguns estão mais fortes do que antes, pelas próprias fronteiras onde se lutava. Uma delas é a terra. O teto. Isto que se passou aqui demonstra que depois de quase vinte anos por luta por teto, por terra, por espaço, por habitação essa luta continua. Continua tão forte! Então isto me deixa com um saber um pouco duro. Tem outro ponto que me chama muito a atenção, é de que há novos sujeitos. Os sujeitos que estão aqui não são os mesmos que estavam a dois, três, quatro, cinco anos. Não só as caras, digo os coletivos. Os coletivos dos Movimentos Sociais são outros. Isto é muito interessante! Aparecem como que diante de novas fronteiras, novos coletivos se mobilizam. Isto é muito interessante! Notar que as mesmas fronteiras, algumas não resolvidas, hoje, estão acompanhadas de outras fronteiras. Isto é muito interessante! Muitas lutas entram. Novas caras entram. Novos corpos. Novos objetos.

Outro ponto que me chama muita atenção é que as estratégias de dominação são cada vez mais refinadas. Isto é muito sério, me parece. O que me parece a partir daqui e que eu nunca tinha ouvido falar em nosso encontro, nunca havia ouvido falar tanto de genocídios, de mortes, disso que vimos aqui. São as estratégias de repressão, de dominação. Hoje são muito mais brutais e mais refinadas do que antes. Então, as lutas se tornaram outras lutas. Outras mobilizações também.

Outro ponto que me tem chamado muita atenção é o que hoje se disse também, aqui: essa espécie de ilusão de que estamos chegando agora ao desenvolvimento e tal, de nossas economias. E acabar com a pobreza. Acabar com a miséria. Isto é muito perigoso. Porque está levando-nos a meu entender a dar muita importância ao problema social do que ao problema da diversidade. Isto que quero chamar à atenção: parece que a diversidade não importa, o que importa é acabar com a pobreza. Não se importa se é negro ou branco, mas se é pobre. Isto é muito sério. E queria terminar dizendo que o que aparece aqui é que o Estado é outro. O Estado é outro. E porque o Estado é outro os movimentos sociais vão ter que agir de outra forma contra esses Estados que são outros.

Lourdes

Ao mesmo tempo há que se felicitar e agradecer, também o mesmo de se crer e ser perseverante. Porque eu sabia que tínhamos passagens, mas não sabia onde ia chegar e por isso vim preparada com minha bagagem e disse que não me importava quem me

pegasse no aeroporto, mas estou aqui. Ao mesmo tempo, nos propuseram e menciono isso porque é importante. Até onde um está e como está? Como é importante a relação de idiomas, porque se eu não respondia é porque não entendia o email, Gina era a tradutora e respondia por mim. Mas também me parece importante olhar sobre esse tema da Universidade Popular. Em nossas organizações dizemos que temos a Universidade da Vida. Eu também estudei na Universidade da Vida. Tenho mestrado e doutorado. O doutorado eu recebi quando eu fui presa. Então, são coisas que a vida nos dá. Porém são coisas importantes no curso da vida que passamos e como analisamos cada golpe, cada espaço. As Universidades que temos, hoje, que ensinam nossos filhos ensinam a como estudar e individualizar-se. Eu posso, eu creio! Não é o coletivo, os familiares que nos ensinam nas comunidades campesinas. Agora tu tens que aprender como conseguir sua economia. Seu dinheiro, seu recurso, não importa em qual cabeça você pise. Essa Universidade Popular dos Movimentos Sociais que temos agora é contrária. Eu estou sentindo, porque cada um de nós que estamos aqui, é uma aprendizagem. Que rico, que lindo de ver que estamos sentados: mestiços, brancos, de todas as raças e não somente todas as raças, também a diversidade sexual. Aqui não há julgamento, tratamo-nos por igual. Isso tem que ser fortalecido, porque isso terá vida, terá força! Porque eu posso dizer em meu país, Peru, que eu também estou numa Universidade Popular onde estão os intelectuais. Porque também é bom quando falamos da aliança. Teremos profissionais aliados, que estarão aliados a nós por princípios, por convicção e não por dinheiro. Cada pessoa que está aqui sentada deixou de estar em outros lugares. Quantos deixaram de estar em suas casas? Fazemos porque temos princípios, condição. E fazemos porque queremos um futuro melhor em nosso país, para nossos filhos. Isso será a Universidade Popular que talvez muitas vezes tenhamos sonhado. Que talvez, não sei para vocês, mas para mim, sim, porque graças a Empresa Mineira eu não pude estudar. Tiraram as terras de meus pais e eu fiquei sem nada. Porém hoje me dá gosto de dizer que estou numa Universidade, porém, Popular. É um sonho! Eu sei que Gina falou que as congratulações serão num outro momento, mas é o momento também de agradecer à vocês, sim. Pela convicção, pelos princípios. Porque muitos quando são profissionais questionam quanto vão lhe pagar para falar. Então isso não devia haver, senão como falar com esse espírito e essa força que me dão a terra, a água e a semente que somos?

Nesse momento, Gina Vargas retoma alguns pontos das reflexões dos integrantes da oficina.

Gina: há coisas muito interessantes e eu somente quero recuperar desta parte as coisas que nos sirvam para armar-nos. O que estamos descobrindo, o que tem sido as ignorâncias e o que estamos aprendendo. Eu creio que a dimensão fundamental que eu tenho dito muitas das vezes é a capacidade de resistência que todos e todas temos. São ações, movimentos e lutas ativas. A ideia da resistência como elemento comum é fundamental. A perspectiva é que todos estejam em integração com os Movimentos Sociais ou porque estamos em relação com eles ou porque somos parte dos Movimentos Sociais. Então, esta ideia de entender esta multiplicidade de perspectivas dos Movimentos Sociais e recuperar uma perspectiva de interculturalidade para poder realmente entender-nos, foi uma das dimensões que levantamos. Outra coisa que me parece tão interessante é que todos e todas estamos trocando os saberes. Criamos dúvidas, angústias, são problemáticas que não sabemos bem. Criamos o questionamento se o Estado sim ou o Estado não. O que dizia Miguel que os riscos são muito maiores, mas ao mesmo tempo estamos vendo sujeitos em muitas ações coletivas de lutas. Estão

construindo outro Estado seguramente mais controlador e opressor, porém, também começam a surgir estratégias diferentes dentro dos Movimentos e não somente com palavras, mas com ações diferentes. Podemos sentir isso nas nossas lutas. Acho que com isso termino. Isso que dizia Lourdes, que estamos construindo, isto é parte também da relação. Porém nessa ocorrência das fraturas, das ignorâncias e dos saberes é que estamos aprendendo, estamos construindo essa Universidade da Vida que começa a ser a possibilidade de uma Universidade Popular de Movimentos Sociais que tem que ser dramaticamente diferente a todas as formas tradicionais que temos.

Pety

Opinando pelo que você estava dizendo, na realidade, o que mais tenho aprendido desde que cheguei é escutar, porque sou de falar muito, bastante em minha organização e é um custo escutar. Para mim, foi muito forte desde que cheguei ter que escutar outro idioma que nunca havia escutado. Já escutei pela TV, novelas daqui, porém digo escutar ou colocar-me a ouvir para poder entender o outro que fala em outro idioma, isto é o que mais aprendi desse processo a partir de toda a riqueza, a partir de tudo que posso levar de experiência, de conhecimento. Penso em como vou chegar, como levar para o meu lugar todo esse conhecimento, toda essa experiência para que se possa reproduzir. Eu vinha ignorante sobre o que é a Universidade Popular dos Movimentos Sociais. Totalmente porque não conhecia, digo de ler coisas escritas do Boaventura de Sousa Santos. Porque trabalhamos de modo intercultural o tema da educação com companheiros universitários, companheiros profissionais e trabalhamos em conjunto em favor do povo Mapuche. Não conhecia a Universidade Popular dos Movimentos Sociais e me interessou o tema da educação, por isso vim aqui, porque estou no tema da educação. Quando conheci Boaventura, a primeira coisa que ocorreu é dizer-lhe, contar-lhe que nós estamos projetando e criando uma Universidade e está incluso nesta discussão a palavra Universidade.

Eu estava aqui pensando: que conceito abarcaria o que nós queremos fazer que não seja Universidade? Então, obviamente me é muito fortalecedor poder ter conhecido esse espaço-tempo. Porque é um espaço-tempo. Que obviamente, como dizia Boaventura, por estar em um processo de reconstrução. Pois estamos sempre nesse tempo-espaço e como povos indígenas também sabemos que é assim. Nada se dá porque nós decidimos, está é a nossa filosofia de vida. Eu estou aqui porque meus ancestrais, porque a vida do Universo permitiram que eu estivesse aqui. Não é somente um passeio, de vir conhecer o Brasil, Porto Alegre ou Canoas como uma experiência muito boa, mas tenho uma responsabilidade social com meu povo primeiro. E logo obviamente com o Universo, o compromisso. Nesse sentido entendo que nós dizemos que não pode haver interculturalidade se não há exercício de livre determinação, se não houver autonomia. Nós, como povos indígenas, não podemos falar de interculturalidade se não podemos fazer exercício deste sem falar nosso próprio valor e princípios e de nossa própria vida. Isto por um lado. E por outro lado, entendemos também que a única maneira de reconhecer-nos é que primeiro teremos que nos conhecer. Se não nos conhecermos não poderemos reconhecer-nos mutuamente e nem poderemos trocar, unir nosso pensamento, nossas lutas. Isto é uma imposição da fronteira. A imposição da fronteira é algo que nos tolhe muito e a preocupação é como fazer para saltar essas fronteiras e trocar mais coisas que tenham relação com a Universidade e com esse movimento.

Narciso

Eu quero falar de um ponto que acaba de surgir aqui. É que foi uma parte sobre a nossa

ignorância conjunta. É que o conceito raça como espécie não existe. Isso é uma construção da colônia. Não há raça em nossa espécie. Então há que se discutir fortemente, porque isso significaria entender e pensar nossas relações de outra maneira. Evadir ou discutir ou construir ou desconstruir, como se queiram chamar. O conceito de raça e desenvolvimento são dois conceitos mais fortes que nos atrapalham. Eu creio que aqui antes de ir eu tenho que dizer que cor não é igual a raça e todos somos africanos.

Dinarte Belato

Eu queria fazer uma observação, o conceito de raça só serve para fazer racismo.

Virgínia

A raça inventaram e o racismo existe e teremos que lutar contra ele.

Zélia Amador

Na verdade, nós, todos do Movimento Negro sabemos que o conceito de raça do ponto de vista científico – a raça biológica não existe. Essa não é a nossa questão. A nossa luta não é pelo conceito biológico - que já caiu por terra faz tempo com o avanço dos estudos biológicos e genéticos. Então, essa não é a nossa questão. A nossa questão é raça como uma construção política. Como um construto social elaborado num determinado momento da história, com o objetivo de dominar e inferiorizar todas essas pessoas que tenham determinadas características. Tanto que o conceito de raça não tem um conceito único. Raça é um vocábulo que a gente pode dizer mutável, polissêmico. Ele só pode ser explicado dentro de um contexto histórico, político e social. Na nossa experiência de América, a raça está ligada ao fenótipo, mas não necessariamente a raça, essa construção política, vai estar em todos os contextos ligados ao fenótipo. Pode estar ligada a cultura. Pode estar ligada a religião. Na nossa experiência de América, é fenótipo. Não necessariamente isto se dá em todos os contextos. Então, na verdade, quando nós falamos de raça, nós não estamos nos referindo à raça biológica. Estamos nos referindo à raça como construto político, construção social, construção política com o objetivo de oprimir e inferiorizar determinados grupos. Essa é a questão.

Larissa

A Nilma tem um texto ótimo sobre esse conceito de raça que pode ser usado como referência para o que a gente está falando.

Gina

Eu proponho fazer um parêntese para o café. Porém antes que paremos quero destacar uma dimensão. Estamos mostrando o que falta em nossa luta cotidiana para alcançar os objetivos que queremos alcançar. Miguel falava de que as lutas seguem sendo as mesmas, porque não temos conseguido muitas coisas. Eu creio estas lutas são as mesmas porque as coisas pelo que estamos lutando são profundamente estruturais para que sejam mudadas de um dia para o outro. Contudo se dão conta que há essas limitações, que está é uma luta muito grande. Temos que dar conta que, neste espaço, temos reconhecido nossas diferenças: lésbicas, gays, campesinas, campesinos, intelectuais, afros etc. Acredito que a seguinte reflexão deverá ser acrescida quando voltarmos do café: *é quem estaria faltando? Com quem mais teríamos que fazer alianças para que nossas lutas sigam avançando?*

Síntese dos principais pontos discutidos na parte da tarde

Após o intervalo, antes de passar para a parte proposta por Gina sobre “quem estaria faltando? Com quem mais teríamos que fazer alianças para que nossas lutas sigam avançando?” Nilma retomou a discussão dos grupos e apresentou uma síntese dos principais aspectos discutidos na última parte da oficina destacando “o que aprendemos uns com os outros”. Estes elementos foram escritos no quadro e registrados.

O que aprendemos uns com os outros

- o estar juntos expressa a diversidade, mas também a complexidade do que aprendemos;
- todos temos que avançar, ir aprendendo e intercambiando movimentos;
- compreender nesses momentos quem são nossos inimigos;
- em todos os países são necessárias alianças para enfrentar o inimigo;
- oportunidade de conhecer outras línguas e outras culturas e a oportunidade de conhecer outros parentes peruanos, chilenos, argentinos;
- preocupação com a educação dos jovens;
- enfatizar a educação popular e a educação alternativa popular não formal;
- identificar uma educação alternativa que expresse a cultura e identidade;
- analisamos os efeitos dramáticos da economia neoliberal, cenário horrível mas é estimulante ver os enfrentamentos;
- elementos de forte provocação;
- pistas para os caminhos que devemos traçar para os movimentos sociais;
- pensar a formação política plural. Um dos papéis da UPMS deveria ser ajudar a pensar o papel político plural desses movimentos;
- pensar a concepção do jogo do poder: como se estabelece, como nos posicionamos, quais as implicações disso nos movimentos sociais;
- é preciso nessa agenda entrar na compreensão na estrutura organizacional e legal dos Estados;
- quais são os mecanismos que temos lançado mão para compreender as questões colocadas pelos movimentos sociais, hoje;
- é possível construir uma agenda juntos para dar respostas ao sistema;
- aprendizagem na perspectiva de diferentes movimentos sociais. Importância da formação política na perspectiva de cada movimento, mas também na perspectiva da interculturalidade;
- é necessário um encontro no sentido de construir todo o acervo da UPMS. Isso dá uma dimensão de uma outra responsabilidade. O encontro não é apenas para intercambiar as experiências. O objetivo é intercambiar as lutas no nosso dia a dia. Criar um acervo para criar a UPMS;
- a UPMS tem um papel a cumprir, um papel social a cumprir. Quando escutamos sobre nossas práticas e nossas lutas elas são as mesmas. Há uma permanência nas lutas: a luta por terra, por água. Nenhuma serra corta esses nós. As fronteiras estão mais fortes que antes, depois de mais de 20 anos, a luta por terra continua;
- o reconhecimento de novos sujeitos chamam a nossa atenção. Os sujeitos que estão aqui são outros. Diante de novas fronteiras, novos coletivos se mobilizam. Novas caras, novos rostos, novos corpos;
- as estratégias de dominação são renovadas. As estratégias de repressão e dominação são mais refinadas;
- onde estamos chegando hoje com o discurso de desenvolvimento de nossas

- economias;
- construir outros Estados;
- importância dos idiomas, da comunicação;
- UPMS – também temos a maestria, o doutorado conseguido na vivência em nossos espaços;
- estamos em processo de construção;
- esta experiência nos dá responsabilidade social com o nosso povo e depois com os outros.
- reconhecer-nos mutuamente;
- tem que se discutir mais profundamente o conceito de raça na perspectiva do Movimento Negro;
- o Movimento Negro e uma grande parte da sociedade brasileira sabem que, do ponto de vista biológico, o conceito raça não existe. Para os ativistas desse movimento social a raça existe como construção social, produzida nos diferentes contextos históricos e culturais. Por isso, reivindica-se a permanência da pauta racial, pois apesar de a raça não existir mais enquanto conceito biológico, a permanência do racismo faz com que a temática racial continue sendo pautada, discutida, ressignificada, repolitizada e reivindicada.

Ignorâncias identificadas

- Dificuldade de viver a parte da espiritualidade e sensibilidade. Ainda está difícil ouvir o que o outro tem a partilhar;
- necessidade de empenho para o estabelecimento de um diálogo contínuo;
- há renovação nos movimentos sociais e suas lutas e temos sentido o quanto é complexo;
- ignorâncias sobre o que era a UPMS.

*A seguir, **Gina Vargas** retomou a discussão. Com a participação de todos, listou-se as ausências sentidas nesta Oficina. Os participantes discutiram quais seriam os outros movimentos sociais, associações, organizações emancipatórias e de intelectuais engajados que também deveriam se fazer presente.*

Com quem mais poderíamos desenvolver essas ideias e essas questões, e desenvolver alianças?

Ausências – quais os movimentos e grupos que estiveram ausentes e deveriam ter estado presentes, ter sido chamados

- movimentos da juventude; jovens bem jovens de 14 anos, por exemplo;
- fórum de educação de jovens e adultos;
- organizações das pessoas com deficiência;
- movimento social de pessoas trans;
- movimentos sociais de velhos, camponeses;
- associação brasileira de homeopatia ;
- movimento social da saúde;
- movimento sindical;
- comunidades tradicionais de religião de matriz africana;
- movimento espiritualista;

- usuários e trabalhadores de saúde mental;
- associação dos advogados e juristas;
- movimentos de pessoas sem teto;
- diversidade de lideranças indígenas da América Latina;
- movimento dos atingidos por barragens;
- movimento dos transexuais;
- movimento da luta antiprisional;
- movimento das trabalhadoras domésticas;
- movimentos ambientais;
- movimentos dos *desplazados* políticos;
- defensores dos direitos dos animais;
- movimento *hip hop*;
- instituto brasileiro de propriedade intelectual
- movimento de artistas culturais;
- movimento de comunicação alternativa;
- organizações indígenas;
- comunidades tradicionais: caiçaras, quebradoras de coco babaçu;
- LGBT;
- movimento de pessoas portadoras de HIV SIDA;
- movimento dos indignados;
- movimentos dos direitos humanos;
- cocaleiros;
- movimento dos sem universidade;
- movimento estudantil;
- movimento negro de outros países latinoamericanos;
- católicos pelo direito de decidir;
- movimento dos artistas culturais;
- movimento dos desaparecidos nas guerras: México, Guatemala e El Salvador.

Ao final, Gina Vargas conduziu o momento de agradecimentos e considerações finais dos participantes da Oficina 2. Alguns desses depoimentos serão inseridos no vídeo-carta da UPMS, produzida pela Catarse, e comporá o acervo do site da UPMS.

Agradecimentos e considerações finais

Pety

As ações da Universidade Mapute Intercultural em algum momento, isto obviamente estará relacionado à Universidade Popular dos Movimentos Sociais aqui. Estou muito feliz por isso e eu vou com essa preocupação de que não somente com a alegria, mas compromisso de seguir lutando para que este seja um mundo melhor para todos.

Fernando

Creio que se pensarmos na oficina, em nosso objetivo que disse no início, acredito que se cumpriu amplamente. Da minha parte acredito que todos nós estamos de acordo que o intercâmbio de opiniões foi muito rico. As discussões que tiveram aqui foram muito enriquecedoras para todos. Eu espero que isto seja um processo contínuo. E que venham novos, outros movimentos se somem a esta Universidade. Sobretudo o mais enriquecedor de tudo não é só aprender de cada uma das lutas e cada um dos movimentos, coisa que não sabemos. É ver também que além da luta há também bom

humor, alegria e muitas coisas que não vem através de emails, de notícias, dos jornais, das lutas de cada um e nós podemos vê-las em caras, em corpos, em sorrisos e em loco também. Isso é evidente e materializado aqui e é muito importante para todos.

Álvaro

Meu nome é Álvaro Queiruga, sou do Coletivo de Ovejas Negras do Uruguai, uma organização de defesa dos Direitos Humanos da comunidade de LGBT. Quando se propôs a nossa Organização a vir, aqui, a esta oficina, a princípio, vimos pela internet informações sobre, o nome da oficina não faz nenhuma referência a questão sexual que discutimos aqui. Mas encontrei um lugar muito aberto, com pessoas que tinham experiências de luta aparentemente muito distintas e avaliando temos opressões similares. E estratégias contra essas opressões que também são similares. Quando eu escutei, aqui, a Lourdes com sua história, no Uruguai, o Movimento Indígena não existe, porque foi dizimado. A população indígena foi dizimada durante a consolidação do Estado Uruguaio. Então, para mim, foi muito enriquecedor neste sentido ter escutado a Lourdes, uma indígena também a falar de pessoas lésbicas. Escutar as pessoas afro, do Brasil, falar sobre gays. Dizer também que existimos para outros povos da América Latina e não só para o Uruguei porque eu os conheço. Esse é um processo enriquecedor de ambas. Porque a nossa presença, aqui, é também para construirmos um outro nome para a Oficina e, ao final, se agregou ao nome da Oficina 2 a dissidência sexual. Creio que no futuro não vai ser necessário trocar porque vai estar incluso automaticamente desde o princípio. Esperamos que essa Universidade continue e se consolide. E que todos, nós, sujeitos, estejamos incluídos.

Narciso

Quero agradecer a indicação que me fez a Universidade Popular dos Movimentos Sociais para estar com vocês. Me parece que a idéia da Universidade é revolucionária. É algo valioso, muito rico. Eu vejo grande potencialidade e grandes êxitos para o futuro desta organização. Creio que nós os participantes, somos os que poderemos enriquecer o caminho deste projeto e deste movimento. Eu sou mexicano, porém não represento nada. Eu trabalho com diferentes pessoas, diferentes setores da sociedade mexicana. Mas estou muito indignado e preocupado pelo que vivemos em meu país e pelo que vivemos nesse planeta. E o espaço que me deram por dois dias para poder dialogar com vocês me enriqueceu e me permitiu mostrar-lhes o meu ponto de vista. Reconhecer as minhas ignorâncias, que eu não falei muito sobre elas e como as pude sanar nesses dois dias. Eu agradeço muito estar em Porto Alegre nesse Fórum Social Temático.

Dinarte

Eu volto para casa, para minha Universidade com três propósitos básicos que eu consegui colocar na minha cabeça. A primeira: vou me envolver profundamente no entendimento da questão que Zélia nos colocava. Ou seja, é preciso, eu vou precisar rever e outros, essa questão da raça. Isso para mim foi muito importante, porque eu estava trabalhando junto a professores nas escolas públicas da rede municipal e da rede estadual dentro de outra perspectiva. E isto para mim é muito importante porque me obriga a rever com profundidade essa questão. Segundo: vou retomar com grande força aquilo que eu chamo a trajetória histórica da formação dos seres humanos inferiores. Ou seja, como é que nossa civilização foi produzindo desde as suas origens, da vertente grega e da vertente judaica e cristã, a construção de um imaginário de que existem seres humanos que são inferiores e que está na raiz da legitimação da escravidão, da opressão, da humilhação e assim por diante. Então, retomar esse projeto é fundamental. Terceiro:

trabalhar na minha Universidade no espaço da formação de professores, que é um grande departamento na nossa Universidade, toda a tarefa de implementar nessa perspectiva de implementar a Lei 11.645, de 2008, no sentido de discutir essa questão da cultura, da história dos povos afro-descendentes e indígenas. Porque acredito que na escola é possível com crianças, jovens e adolescentes, reverter o imaginário persistente que se reproduz em nossa sociedade, que é racista, que é preconceituosa e que na verdade é extremamente difícil de erradicar. Mas eu acredito, sim, que a escola é um espaço privilegiado de se fazer isso e a Universidade tem que assumir essa tarefa justamente naquela dimensão da formação de professores, e das assessorias das Secretarias de Educação, das Coordenadorias de Educação junto aos professores. Volto para casa fortemente entusiasmado e fortificado. Obrigado!

Segundo Terceiro

Segundo, IEPALA, Espanha. Eu quero agradecer a cada um de vocês a imensa possibilidade de compartilhar estes dias e a satisfação de desfrutar com todos. Acho que foi uma coisa muito bonita. Creio que essa oportunidade para mim me faz ter a sensação de que dois mais dois na ocasião são cinco. E que esse salto qualitativo é porque nós todos estamos a serviço dos outros, nas lutas plurais. Muito obrigado!

José Rodolfo

Para mim foi uma experiência nova que eu tive, entre outras. Teve várias somas de seguimentos sociais que só vem a contribuir com as diferenças de idéias e opiniões. E com esse novo movimento jovem, que nós hoje somos o presente, mas eles vão ser o futuro. Então, a gente precisa investir no jovem para que eles não entrem nos mesmos preconceitos. No caso, seguir os erros. É isso aí.

Luis Afonso

Vou me permitir dizer da motivação que foi esse evento nestes dois dias de reunião. E ver que uma luta como esta que o nosso movimento cooperativista não é só. Que os que estão aqui presentes vivem com a mesma paixão e com a mesma preocupação para que possamos encontrar uma sociedade mais justa e solidária. Basicamente é o que buscamos em nossa cooperativa. Eu gostei de sentir a força com que aquelas mulheres estão aqui presentes. Se vocês se dão conta, são a grande maioria. Mas não estão aqui presentes como em alguns anos, como eu via em alguns eventos. Com uma presença física, mas sem muita opinião. Hoje em dia eu creio que é diferente, ao ver como se expressam, como defendem suas experiências e como as propõem. Isto também eu vou levar como motivação aos centros femininos que nós temos, mas são muito incipientes. Mas sei que podem alcançar um grau maior em nossa cooperativa. Outra coisa que vou agradecer é que quando chegava a esta habitação, quando chegava a esta instituição não entendia o que era a Universidade e como funcionava. E vou motivado por esta filosofia que estou aprendendo. Quando se vai construindo o caminho, vamos construindo as pessoas. Eu agradeço aos organizadores, aos que dedicam tempo. Hoje me interei que é um voluntariado e isto temos que reconhecer. Também tenho que agradecer as pessoas que vieram de longe para estar presente aqui compartilhando suas experiências. Vou motivado também pela metodologia. Em um clima como este eu lhes asseguro que muitos estaríamos dormindo. É verdade! A diferença de ter uma língua diferente que não entendemos bem, também nós faria sentirmos cansados. Para mim parece que não tivemos que assistir a uma aula numa sala, sinal que compartilhamos e opinamos.

Shirley

Eu participei de uma das outras oficinas e acho que essa produziu um avanço muito grande em relação à anterior, não só porque a diversidade se ampliou e isso amplia também nossas possibilidades, mas também porque colocamos desafios diferentes. Esse inclusive de lidar com línguas distintas. O que nos faz lembrar da necessidade, pelo menos, no Brasil, de ampliar políticas lingüísticas e entender e poder compartilhar com outros povos e outras línguas. Eu queria felicitar a organização da oficina. Acho que as organizadoras propuseram questões muito difíceis e muito centrais e que fizeram com que o trabalho fluísse bastante. Vocês nos interrogaram muito profundamente e isso fez parte do avanço do trabalho. Eu continuo achando que temos muitos desafios não só na formação de professores, na Universidade, mas também na construção de uma educação diferenciada e mais estratégica. A oficina mostra a amplitude dos desafios, mas mostra também que do mesmo jeito que os desafios são muito grandes, o mundo também é muito grande. Então, cabem muitas soluções pela frente. Eu gostaria de agradecer imensamente por terem compartilhado saberes comigo. Gostaria já de uma vez de dizer que só vou participar até amanhã. No dia 25 devo voltar à Belo Horizonte porque dou aula na Universidade e não foi possível trocar as aulas. O curso de Educação do Campo acontece nesse período, mas gostaria, então, de justificar a minha saída antecipada e agradecer a todos e a todas por esse período.

Mafalda

Primeiro a afetividade, a afetividade deste encontro da Universidade Popular dos Movimentos Sociais, é muito importante. Acredito que valeu para que pudéssemos criar uma confiança. Então vou com esse sentimento de que a afetividade nos dá alegria, nos dá a força. O compromisso que trazemos todos para participar nesse evento, é um compromisso importante. Esse compromisso também nos permite a liberdade de seguir participando do que seja a continuação do sucesso da oficina, neste minuto que participo desse Fórum. Quero os agradecer isso porque seguimos acumulando conhecimento frente a este intercâmbio de experiências e diversidade de opiniões.

Miguel

Eu queria reafirmar o que é já coloquei antes, que eu saio daqui convencido de que os movimentos sociais estão vivos e muito vivos e conseqüentemente a Universidade Popular dos Movimentos Sociais vai ter que dar conta de toda essa vida que existe hoje nos movimentos sociais latino-americanos. Mas saio daqui com outra coisa muito importante, eu fiquei sabendo mais da nossa América. Aqui, no Brasil, estamos bastante fechados a América, a toda essa riqueza, toda essa diversidade. Eu conheço um pouco, mas pouco e eu acho aqui eu tive uma grande oportunidade de conhecer essa riqueza, essa diversidade de lutas e de práticas que acontecem em nossa América. E conhecer a nossa América com uma visão positiva. Porque, normalmente, a visão que se tem da América popular é ainda muito, mais muito negativa. E aqui tivemos uma vivência da positividade. Da riqueza que existe nessa América popular.

Rui Leonardo

Eu também avalio que este encontro, este momento de partilha, ele foi extremamente rico. Nós tivemos oportunidade de vivenciar com outros movimentos, ouvir e aprender. Acredito que cada um de nós, de alguma maneira, nos sentimos parte, envolvidos com os outros. Uma relação que se estabelece quando há pessoas que acreditam que é possível. Que ainda tem centelhas de esperanças no peito. E ainda muita estrada para caminhar. Acredito, sinceramente, que uma das alternativas e um dos princípios que

devem constituir essa Universidade Popular dos Movimentos Sociais, é que ela tem que tencionar nessa questão da formação política, plural, diversa. Que isso poderia permear as formações de todos os movimentos sociais que aqui estão envolvidos. Eu vou só ler um texto aqui do José Saramago, do Ensaio sobre a cegueira, só um trechinho: “O mal não é quando estamos organizados. Devia haver uma organização em cada prédio. Em cada rua. Em cada bairro. Um governo, disse a mulher. Uma organização. O corpo também é um sistema organizado. Está vivo, enquanto o mantém organizado. E a morte não é mais do que o efeito de uma desorganização”. Seguimos em frente.

Petronilha

Em primeiro lugar agradeço a Nilma o convite. Agradeço a Comissão Organizadora que fez um belo e difícil trabalho com muita alegria que a gente conseguiu ver em cada passo. Não é fácil a gente fazer uma síntese das falas. Não é fácil ficar secretariando, mas tudo isso foi feito com muita leveza, eu diria. Da mesma forma como os encontros que nós tivemos uns com os outros. Eu acho que houve muita generosidade em partilhar as nossas experiências e as nossas ignorâncias também. O pouco que nós sabemos uns dos outros e o quanto nós tivemos chance de aprender uns com os outros particularmente nos trabalhos em grupo, porque como éramos em menor grupo cada um podia falar mais tempo e expor e se expor. Então eu agradeço a disponibilidade das pessoas. E eu penso que uma vez em que há um site, que nós devêssemos nesse site expor um pouco de cada um de nós. Não nós, pessoalmente, mas das lutas, dos nossos grupos, dos limites, das dificuldades que nós enfrentamos. Então, enquanto Movimento Negro, quando o colega do México levantou a questão e trouxe a reação contundente da Zélia de que não existe raça humana, a gente está repetindo isso há anos e há muita produção sobre isso, tanto nacional quanto internacional. Há muita produção nacional e internacional sobre a questão racial no mundo. Então, talvez coubesse a cada um de nós, porque nós não sabemos uns dos outros, mas talvez se a gente colocasse no site e até nos dividirmos entre nós regularmente, cada pessoa apresentar umas quinze linhas sobre questões que são contundentes do seu movimento. Indicar, inclusive, fontes para nós aprendermos mais uns com os outros. É isso que eu quero dizer. E quero novamente agradecer o convívio, a alegria, o sorriso de todos. Obrigada!

Eber

Primeiro eu gostaria de me desculpar por ter estado ausente em parte dos trabalhos de hoje. Eu fui atropelado por problemas da rotina de quem está na própria cidade. Queria agradecer muito a possibilidade do convívio de cada um. E chamar a atenção que do meu ponto de vista duas coisas se salientaram, mas eu acho que é fruto de uma incapacidade de processar tudo que nós vivemos nesses dias. Por isso, emergem duas apenas. A primeira: como é possível a convivência entre tanta diferença? Somos um exemplo é de tolerância. Talvez um exemplo radicalizado de possibilidades civilizatórias, se nós pensamos como civilização o encontro, a possibilidade do conviver entre os diferentes. Estamos aqui e parece que somos todos muito semelhantes e na realidade somos todos extremamente diferentes do ponto de vista das biografias, do ponto de vista dos horizontes imediatos de luta, das perspectivas, das nacionalidades e termos etários. E a segunda coisa que eu gostaria de dizer que, como investigador e professor, é maravilhoso poder ter passado dois dias fundamentalmente ouvindo. A gente se dá conta, talvez do porque tenha parado nessa profissão. Porque é muito bom aprender. Fazia muito tempo que eu não aprendia tanto. E, certamente, em poucos momentos da minha vida em aprendi tanto em tão pouco tempo tendo contato com um número tão grande de pessoas de origens tão diversas. Muito obrigado a todos!

Zélia

Eu sou Zélia Amador da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros. Eu começo por agradecer a Nilma pelo convite por ter convidado a ABPN para estar presente aqui na oficina. É a primeira vez que eu participo da oficina. Falei num primeiro momento que eu considero esse momento um momento ímpar. Que é um momento de construção de conhecimento e de juntar os saberes que cada um de nós traz. Conhecer um ao outro, juntar os saberes, minimizar as nossas ignorâncias olhando para o outro. Isso é fantástico, isso é ímpar. Eu acho que é um acervo muito importante para o processo de construção da Universidade Popular dos Movimentos Sociais. Confesso que eu levei um susto, estava caminhando tudo muito bem, de repente o companheiro do México faz aquela intervenção, aí o Dinarte embarca junto e verbalizou. Porque se estava embarcado, e até então não havia verbalizado. Embarcou junto e verbalizou o que eu acho que é muito importante, porque muitas das vezes as pessoas pensam e não verbalizam. Isso é muito pior, porque o silêncio, inclusive, ele confirma uma posição. Isso é pior. Então é melhor falar. É melhor botar para fora e ter a possibilidade de discutir para poder refletir do que a gente ficar sem conversar. Quando o Dinarte se apresentou, eu me lembro bem a apresentação dele, ele falou que tem um trabalho importante na formação de professores com base na 11.645/08. Eu inclusive comentei com a Petrô: ótimo! É um aliado! E eu considero que a educação é um espaço, não sou eu quem considero, o Movimento Negro historicamente desde a década de 1930 já considerava a Educação como um espaço privilegiado, porque a Educação é uma das responsáveis pela formação da narrativa de nacionalidade. Então, é importantíssimo. E o Movimento Negro elegeu sempre a educação como um espaço privilegiado. Você pode procurar na literatura referente ao movimento. Se você pegar material sobre a Frente Negra brasileira da década de 1930, você já vai ver a Frente Negra formulando e pensando a educação. Se você pega na década de 1940 o material no Teatro Experimental do Negro você vai encontrar também toda uma preocupação com a educação. Toda uma preocupação com o que hoje a gente chama de Políticas de Ação Afirmativa. Se você pega a vivência do Movimento Negro, que a gente pode dizer mais contemporâneo, que é esse movimento que renasce pós-ditadura militar com o período da abertura, você vai ver toda uma preocupação do Movimento Negro que se espalha de norte a sul do país trabalhando com a questão da educação. Fazendo vários encontros. Então, educação para a gente é um espaço privilegiado. Então, quando tu falaste aquilo eu me empolguei. Eu disse: ótimo, um grande aliado! Mas quando hoje eu vi que tu de repente jogaste por água abaixo o objeto da nossa luta, eu gelei. Então, a gente é doido! A gente está lutando por algo que não tem sentido. Entendeste? E aí eu levei um susto maior porque eu já espero esse tipo de reação de pessoas que estão alheias a qualquer movimento. Mas as pessoas que estão engajadas nos movimentos sociais, a gente pelo menos espera um outro tipo de reação. E aí, o susto é maior. Quando a gente pensa que já avançou, a gente reflete: puxa vida, tenho que voltar ao zero! Inclusive, tentando deslegitimar o objeto da minha luta. Porque o não reconhecimento da legitimação do objeto da luta do outro é que causa a questão da hierarquização, de que nós falávamos de manhã. Eu ia sair daqui arrasada. Felizmente, já conversei com o companheiro do México que me disse que vai se botar a pensar sobre isso. E agora o Dinarte também está me dizendo que vai começar a pensar sobre isso. E aí eu vou achar que isso tem uma dimensão muito importante, exatamente por causa da formação de professores que a tua Universidade faz e que tu és protagonista nesse processo de formação. Com certeza vai ser um aliado nosso, desde que reconheça o nosso objeto de luta como legítimo.

Luana

Inicialmente, eu vou fazer logo uma advertência aos meninos, aos moços, aos rapazes que estão aqui, que eu vou utilizar na minha fala a expressão “a outra”, para refletir como é complicado para nós ouvirmos todo mundo falando “do outro”, “os companheiros”. Eu não me sinto contemplada. Então, por isso eu vou usar a expressão a “outra”, mas só como advertência. Mas se sintam contemplados na “outra”. Já falei de como foi revolucionária essa experiência. Eu sou Luana, da Articulação de Mulheres Negras Brasileiras, e gostaria de agradecer ao convite que Nilma fez e para gente foi um esforço tremendo estar aqui. Eu também queria pedir desculpas a todos e todas, pois eu também vou ter que ir embora dia 25, porque eu tenho questões para resolver. No Piauí, nós estamos em um processo de reivindicações, que foi muito difícil para eu me ausentar, então, vou ter que ir embora um dia antes. Mas, enfim, pra mim foi enriquecedor. Achei linda a fala de Dinarte. Quando eu cheguei aqui me falaram muito dele, o quanto ele era referência e etc. E a fala de humildade “*eu vou pesquisar, eu preciso saber disso*”. Ter a consciência da incompletude dos nossos saberes. Eu me sinto particularmente saindo maior e mais forte, porque ver falas, eu já falei de Lourdes, mas todas as vezes que ela fala, eu me emociono. Porque eu sinto a dor e a luta e o quanto é forte. Eu me sinto na luta dela e das demais. Para mim foi enriquecedor no sentido de conhecer a luta das outras e me sentir partícipe. Sentir que eu também estou nessa luta. E sentir que as outras estão na nossa luta de Mulheres Negras de enfrentamento ao racismo.

Larissa

Eu também agradeço a cada um e a cada uma pela possibilidade de partilha. Eu também tomei a liberdade de agradecer em vários momentos, porque eu acho que foi muito intenso. Está sendo muito intenso este encontro. Eu acho que encontrar com o diferente e aprender a lidar com a diferença do outro que não é a nossa própria diferença é um desafio muito grande. Acho que é uma oportunidade única. A oficina de Belo Horizonte também foi maravilhosa, mas foi um encontro singular que não vai se repetir. Assim como essa oficina também está sendo singular e essa possibilidade de partilha não vai se repetir. Então nesse sentido eu também queria agradecer de um modo especial as companheiras negras presentes aqui e a companheira Nilma, que além de ter muitos enfrentamentos dentro do Movimento Negro nos espaços que ocupa no país, ainda tem conseguido se dedicar a nos ajudar nesse processo de articular e encontrar com outras irmãs e outros irmãos de outros lugares. Isso é uma coisa muito significativa, muito fortalecedora. Eu acho que precisa ser muito valorizada. Essa possibilidade de encontro que vocês criaram apesar de todos os enfrentamentos de ser mulher negra nesse Brasil nosso, na academia, ainda precisa ser reconhecido e valorizado. Eu queria dizer do meu incômodo quando a gente não se compreendia ou quando eu falava uma coisa e alguém falava “*não, isso que você está falando é isso, não é aquilo*”. Essa coisa da autodeterminação precisa ser mais trabalhada. Tanto para gente se autodeterminar, quanto também para os outros acolherem a nossa autodeterminação. Outra coisa é a questão da mística e da afetividade. Nessa proposta política que a gente está construindo de Universidade Popular dos Movimentos Sociais a gente não pode deixar essa dimensão como um elemento que se der tempo a gente faz. Ele é tão importante quanto o debate, quanto a palavra, quanto a sistematização. Que nos próximos encontros a gente possa trazer mais e com mais intencionalidade essa dimensão da religiosidade, da mística, da espiritualidade, porque a gente não está sozinho nessa construção. Outra

coisa é a importância da gente reconhecer o inimigo, ficou mais evidente ainda nesse processo, mas também a importância da gente reconhecer o nosso próprio poder. Se nós não fossemos tão fortes como somos não precisava de tanta força direcionada contra nós. Se nós não tivéssemos tanto poder e tanta força a gente já teríamos sucumbido. E, no entanto, nós estamos aqui organizando e sonhando com o futuro e chamando outras pessoas para a luta. Para terminar, eu só queria lembrar da uma história de uma preta velha que acolhia pessoas negras fugidas do processo de escravidão. Ela acolhia essas pessoas que vinham torturadas, mutiladas, de vários lugares e acolhia esse povo em roda. E o que ela fazia para possibilitar força e recomeço era deixar que o coração dela batesse na presença deles, como se fosse um grande tambor. E eu acho que nós conseguimos fazer isso. Tivemos a ousadia, a coragem de deixar o nosso tambor bater diante dos outros com a possibilidade de errar e acertar, mas com o desejo de construir um caminho juntos. Obrigada!

Dutsã

Obrigado a todos! Eu gostei muito de vocês, de conhecer a cultura de vocês, a língua, outra forma de pensar, outra forma de ver o mundo, dentro desse ambiente que a gente está aqui. Para mim é muito importante poder levar para o meu povo e contar pra eles que tem gente que ainda pensa um mundo melhor, Educação, o Ambiente, a Natureza, Direitos Humanos, Direitos das Mulheres, que são essas pessoas que estão aqui como vocês. Isso eu gostei muito da parte de vocês. Vocês falando, pensando, querendo melhorar o mundo para todo mundo. Então, muito obrigado.

Ruth Mary

Como o tempo é escasso e muito valioso, vou ser muito concreta. Vou resumir a experiência destes dois dias. Antes eu escutava as pessoas falarem que estão envolvidas com o Fórum Social “*todos somos indígenas, negras, lésbicas*”. Achei bonita a frase. Bacana. Progressista. Porém viver a experiência, escutar as experiências de vida, ver o rosto da negritude. Não sei se essa palavra é correta, negritude. Conhecer as experiências um pouco melhor das companheiras indígenas. Ver meus companheiros gays com um discurso super bacana, muito é escasso em Lima. Muito escasso. A mim me enriqueceu. E eu sinto que isso vai ter efeitos em meu ativismo, não sei muito bem como, mas é muito bom. E isso de não dialogar só com a teoria, senão, com o contato com as pessoas.

Carla

Eu gostaria de agradecer a organização da Universidade. Eu acho que foi um momento muito importante, muito especial principalmente para nós aqui em Canoas. Para nós que estamos aqui, acolher pessoas de tantas nacionalidades, de outros países, outros saberes, outros idiomas foi muito importante. Até mesmo porque nós, aqui, os movimentos sociais, estávamos carentes. Carente de saberes, carentes de poder aprender um pouco mais e com certeza nós sairemos daqui fortificados, com força de ver que o nosso movimento é o movimento de todos. A nossa luta é a luta de todas. De todas e de todos. Gostaria imensamente de agradecer a todos. Falando como canoense, espero que tenham sido todos bem recebidos por nós. E poder saber que podemos contar uns com os outros. Para nós foi muito importante. Obrigada!

Giana

Eu devo ser a pessoa mais nova dessa sala e com menos experiência, com certeza, em tudo isso. Eu não sou de nenhum movimento social específico, mas pra mim foi muito,

muito bom e muito legal conviver com tudo. Foi um prazer fazer a relatoria de tudo porque eu consegui internalizar muito bem tudo que foi dito.

Lilian

Bem eu sou Lilian Gomes. Eu também participei da oficina da UPMS em Belo Horizonte e lá eu já percebi e me confirma um pouco a experiência aqui nessa oficina de que é, de fato, uma coisa importante que a UPMS traz: é essa possibilidade de diálogo entre os movimentos, intermovimentos. Essa coisa de trazer não só a preocupação com as concepções, mas com os sentimentos, mas com os afetos. Na oficina de Belo Horizonte isso foi muito expressivo. Eu achei que esse é um caminho extremamente importante, de fato, para a gente construir esse diálogo intermovimentos. Então, assim, para mim esse diálogo da diversidade sexual, a pele, eu não sei se é porque está quente demais também e a gente parece que fica assim mais à flor da pele, mas eu senti que a coisa do afeto foi muito forte. E num primeiro momento eu cheguei a achar que talvez a questão do idioma fosse nos afastar um pouco. E, pelo contrário, parece que o esforço para que nós pudéssemos nos compreender mutuamente criou um afeto diferente. Uma sinergia muito boa. O que o professor Éber disse, eu acho que quando a gente é professor é esse sentimento sempre de renovação. De perceber o quanto é bom conseguir captar e sentir. É isso que nos fortalece. Como o professor Miguel também hoje disse, é o que nos fortalece para a luta e para os movimentos e para renovar a cada dia mesmo, que a opressão ela também se renova, mas as nossas forças também se renovam.

Daniel

Agradeço muito a indicação, a oportunidade de estar aqui. Não falei muito porque estava ajudando na relatoria e normalmente sou uma pessoa que fala muito. O povo do meu grupo percebeu. Eu fui somente porque Paula insistiu. Eu creio que o mais forte que senti desta oficina foi que o contato com a diversidade, de histórias de vida, e de culturas, e de lutas nos permitiram abrir nossas cabeças, nossas percepções. Porém, ainda estou com algumas dúvidas sobre a Universidade Popular dos Movimentos Sociais. Porque eu estou vindo de um processo de dois anos muito intenso, entre nove movimentos sociais que foi um processo no Brasil de diálogos e convergências, onde estivemos construindo processos a partir da territorialidade, a partir de práticas de convergências e de ampliação das formas de ver, que não era a construção de saberes. Então, é diferente da Universidade. Mas de alguma maneira não estou seguro do que vai sair daqui mais adiante de um processo rico entre nós, que será seguramente aproveitado pelo Centro de Estudos Sociais e os outros que estão na coordenação, serão coisas muito validas e muito importantes para continuar produzindo e caminhando. Mas estou em dúvidas de como vão ser os processos de convergências nos territórios. Acredito que são muito importantes. Não somente entre os movimentos e Universidades, mas também com escolas e outros espaços. Então, não sei até que ponto, porque este processo é mais importante e tem a ver com os princípios e a metodologia que estamos visando. E aqui creio que não se concentrou tanto na metodologia para que se pudesse ter muita liberdade e muita abertura. Isso foi bom, mas difícil de reproduzir talvez. Porque creio que teríamos que trabalhar um pouco mais, talvez com mais pressupostos metodológicos. Talvez uma percepção que eu tenho.

Outra coisa que eu tenho que dizer com parte do Movimento da Economia Solidária é que me incomodou muito é ter grandes empresas multinacionais para os biscoitos e as coisas que estamos comendo nos lanches, é se aqui em Canoas temos dois empreendimentos de Economia Solidária que fazem exatamente isso, com super

qualidade, amor e afetividade. São mulheres, são grupos de mulheres de Canoas. Eu sei que há sempre dificuldades operacionais, é sempre mais difícil de atender os locais. Mas creio que o esforço é sempre válido. E se vamos fazer outros encontros em espaços que tem a ver com o Fórum Social Mundial, creio que se chamássemos os jovens, não para participar puramente, mas vejo o que estão fazendo o acampamento da juventude, normalmente constroem espaços bioarquitetônicos que são muito mais agradáveis em termos de temperatura e de sensações que uma Universidade como esta. Então estou dizendo que aspectos metodológicos do caminho e aspectos também de fundamentos materiais que nos possibilitam estar presentes aqui são tão importantes quanto nossos processos de intercâmbios. É forte conhecer as histórias que aqui estão e toda a unidade e a corrida que existe em torno das diferenças e as perspectivas diferenciadas de vida e de luta. Isto foi forte e agradeço a todos e especialmente aos organizadores.

Tatiane

Tatiane, pedagoga, professora do Ensino Fundamental. Mesmo estando um pouco por trás do que acontece na UPMS, eu aprendo bastante e vejo que ela afirma a importância dos Movimentos Sociais para as mudanças da sociedade. E é um pouco daquela música que a gente cantou na nossa confraternização de que “um sonho só se torna realidade quando se sonha junto”. Obrigada.

Nilma

Nilma Lino Gomes, UFMG/CESAL. Eu queria agradecer a cada uma e a cada um que participou aqui desse momento da oficina da UPMS, da oficina 2. Eu agradeço também às minhas colegas, com as quais eu dividi a coordenação dessa oficina, o trabalho conjunto. Conheci duas novas colegas das frentes de luta. Gina e Lilian e foi um prazer. Paula já é uma amiga, é uma colega de outras lutas. Também falávamos Paula e eu, nós queríamos agradecer também aos jovens que nos ajudaram no registro: Lilian, Gina, Daniel, Rosângela e Tatiane. Tatiane é a minha grande amiga e meu grande apoio desde a Pedagogia. Tati e eu estamos juntas há muito tempo e tudo que vocês receberam, as listas e etc, saibam que foi Tatiane que fez com muito carinho, muita dedicação. Eu queria registrar esse agradecimento. Essa oficina da UPMS é a segunda que eu participo porque em Belo Horizonte, em 2009, como algumas pessoas já falaram, fizemos uma oficina. Essa pra mim foi um grande desafio não só do ponto de vista da organização, mas também do que seria esse nosso encontro. Esse nosso encontro de troca de conhecimentos e troca de saberes. E do meu reconhecimento, da minha grande ignorância sobre a quantidade e a diversidade de práticas, de experiências, de Movimentos Sociais, de organizações na América Latina e também em outros lugares do mundo. Eu acho que são momentos como esses que nós podemos superar essas incompletudes, essas ignorâncias para produzirmos algo juntos, algo novo. Pode ser que, hoje, no Fórum Social Temático a gente não tenha a dimensão do que significa esse dia, esse momento e esse encontro, mas certamente ele marcou a minha vida. Eu saio daqui fortalecida naquilo que acredito, nas lutas que acredito, no movimento que eu milito, especificamente, o Movimento Negro e acreditando que é possível construir alianças. Que é possível superar incompletudes, mas construiremos outras novas incompletudes. Que serão outros desafios para nós. Eu agradeço profundamente a presença de cada um e de cada uma. E vamos continuar juntos, não nos esqueçamos disso. Muito obrigada!

Paula

Eu sou a Paula. Eu não vou repetir o que já os colegas e as colegas, os irmãos e as

irmãs, os companheiros e as companheiras, os amigos e as amigas, todos que aqui já disseram e a mim honraram profundamente por poder fazer parte deste momento, especialmente, vindo de outro lugar e tentando perceber melhor o que se passava e quais eram algumas das grandes linhas que, visto do meu lugar, eu tive por vezes algumas dificuldades em perceber, compreender e levar também para a luta nos contextos onde estou. Acho que foi um momento de fato excelente. Nós temos percebido o quanto o nosso conhecimento é local, mas também é global. Eu quando penso o mundo eu penso a partir do meu lugar e o meu lugar também pensa sobre todo o mundo. Eu acho que esses jogos que tivemos aqui de interpretação foram muito importantes. E antes de passar as outras duas colegas, eu queria vos pedir para depois da Liliane e da Gina falarem, que a gente alargasse o nosso espaço de afetos. Houve um passarinho que me disse que um de nossos colegas faz anos hoje. Portanto eu queria pedir para nós cantarmos o feliz aniversário a um amigo, a um colega, a um companheiro que está aqui na sala. Se quiser dizer diz quem é, mas se não quiser não diz. Nós costumamos dizer que o pássaro *eneck* que costuma ser o pronunciador de coisas boas.

Todos cantam e parabenizam Miguel, aniversariante do dia.

Lilian

Primeiro, dizer que foi realmente um prazer compartilhar esses dias. Conhecer tantas caras novas, tantas realidades, porque tenho 45 anos de militância e sempre estou aprendendo coisas novas, de novas pessoas e novas realidades. Penso que todos temos muitas dúvidas sobre a Universidade Popular dos Movimentos Sociais, porque na realidade a Universidade Popular não é mais que uma proposta, uma proposta que será possível de ser realizada se cada um de nós colocar energia, colocar iniciativas, colocar esforço, colocar idéias. O que me parece mais significativo é que, em 2010, quando Vanessa Marques, talvez alguns ou muitos de vocês não a conheçam, assumiu um pouco de dar esse impulso internacional, que vamos saber essa noite, organizou uma primeira atividade na Universidade em Porto Alegre, parecia impossível realizar isto. Parecia irrealizável de verdade. Quando eu penso que estamos falando, em julho de 2010, não passava pela mente. É certo que eu preferia quer tivéssemos outro tipo de local, com outra liberdade de movimento para correr no pátio, para reunir, para não ter horários tão fixos. Mas sabemos que temos constrangimentos reais. Sabemos que isso poderia ter sido conduzido com gente desta cidade, mas seria impossível que aqui viessem um mexicano, quatro peruanas. Seria impossível, porque isso custa. A energia teria que ser voluntária, mas a organização tem custos. E todos e todas devemos assumir politicamente os custos das coisas, porque senão não há quem queira organizar. Pois todos teremos que assumir que as coisas tem custos e que estes custos nos limitam. Foram uma parte dos limites de nossas ações. Então, me parece os relatos que ouvimos vamos multiplicar isso. Porém, o que quero reafirmar é que a Universidade Popular dos Movimentos Sociais é e segue sendo uma proposta. Proposta que podemos ou não apropriar-nos. Podemos seguir nessa proposta quem se apropria, muitos poderão dizer não tenho tempo, não tenho força, não tenho capacidade ou não quero priorizar isto neste momento. E outros dirão sim. Eu quero priorizar, eu quero multiplicar essa iniciativa. Disso vai depender de como cada um e cada uma se insere nesse engajamento. Ou para não dizer compromisso. Se não inserir ou não participar. Quero colocar isso, porque isso também fez parte de nossas aprendizagens coletivas. A ação de pensar que aqui não há um financiamento, não há um projeto. Há uma proposta e uma idéia e uma vontade. Então essa realidade depende da força que depositamos cada um e cada uma para que isto siga. Porém, todos e todas teremos dúvidas a respeito de como

concretizá-la. Quanto dará? Aonde dará? Talvez chegaremos um pouco mais ou não.

Gina

Para mim foi uma experiência muito rica, de muita aprendizagem. Sofri muito com o idioma, porque não me entendiam e não os entendia. Mas a cada vez fui entendendo mais e espero que tenham me entendido mais. Assim foi uma oficina rara, muito divertida. Creio que poucos vão negar esta parte, por termos estado o todo tempo sorrindo, rindo, passando bem no meio deste trabalho intenso que nos estava colocado. Retomando o que dizia Lilian, isto é um processo de uma promessa de congregação e para mim uma expectativa muito clara. Este grupo que aqui está com essa experiência tão rica fica de alguma forma um núcleo básico para o impulso da Universidade Popular dos Movimentos Sociais. Pela forma que queremos dentro de parâmetros pressupostos com partidos de luta, de tradução, de articulação, de alianças. De todos que tivemos conhecimento aqui. Essa é a Universidade Popular dos Movimentos Sociais. Se nos aventuramos nisso, nesse núcleo, como capaz de dar os impulsos e capaz de assumir o compromisso com a UPMS seria realmente maravilhoso. Muito obrigada a todos e todas vocês, realmente, foi uma experiência extraordinária.

A Oficina2 terminou no final da tarde do dia 23/01/2012.

À noite, os integrantes das três oficinas (as quais foram realizadas em Porto Alegre, São Leopoldo e Canoas) se encontraram para um jantar coletivo gentilmente ofertado pela Prefeitura de Canoas. Foi um momento de encontro e confraternização entre todos os participantes. Durante o jantar, algumas pessoas deram depoimentos sobre a oficina das quais participaram, outras cantaram músicas de rap e declamaram poesias. Também foi comemorado o aniversário de Miguel Arroyo, integrante da Oficina 2, com um bolo coletivo para todos os presentes.

SÍNTESE DA OFICINA 2

Tema da oficina: “Interculturalidade, Plurinacionalidade, Afrodescendentes e Indígenas e Dissidência Sexual”.

Países representados: Peru, Uruguai, Brasil, Argentina, Equador, Portugal, Moçambique, Chile, México e Espanha.

Movimentos Sociais representados: movimento feminista, movimento de mulheres indígenas camponesas, movimento de mulheres lesbianas, movimento de mulheres negras, movimentos em prol da diversidade sexual, cooperativas comunitárias, LGBT, movimento negro, movimento *hip-hop*, movimento de jovens negras, movimento quilombola, associação de capoeira, movimento ambientalista, movimento indígena brasileiro, movimento do campo.

Perfil de intelectuais participantes: intelectuais ligados a projetos de economia solidária, centros de estudos e institutos de pesquisa, educação intercultural indígena e do campo, associação nacional de pesquisadores negros, movimentos sociais e educação, movimento negro e educação, arquitetura e urbanismo, estudos pós-coloniais, educação popular.

Os ativistas Fernando D’Elio (Argentina) e Larissa Amorim (Brasil) foram escolhidos como representantes da Oficina 2 para participar da gravação da Vídeo-Carta produzida pela Catarse, apresentada durante o Fórum Social Temático no dia 28/01/2012 e que será disponibilizada no site da UPMS.⁷

No dia 24 de janeiro de 2012, realizou-se no espaço da UFRGS, em Porto Alegre, uma atividade conjunta das três oficinas da UPMS para troca e compartilhamento das atividades realizadas. Para preparar a síntese da oficina 2 e apresentá-la aos presentes foram escolhidas, pelo grupo, as integrantes Lourdes Huanca (Peru) e Lílian Gomes (Brasil). Ambas apresentaram os pontos principais do encontro a todos os participantes.

No dia 28 de janeiro de 2012, durante o Fórum Social Temático, os integrantes das três oficinas se encontraram novamente na “Mesa do dia 28” em uma atividade aberta para todos que quisessem conhecer a UPMS e saber os resultados das oficinas. Neste dia, Boaventura de Sousa Santos juntamente com as coordenadoras das três oficinas Aline (Brasil), Lílian (Uruguai), Nilma (Brasil) e Vanessa (Brasil) conduziram a reunião, apresentaram a UPMS e o trabalho realizado até o momento, explicaram sobre os novos rumos da UPMS, a atualização da carta de princípios, a condução das propostas de parceria, a socialização dos relatórios das três oficinas, a atualização do site, entre outros. Esse dia foi considerado como data da “refundação da UPMS”, uma vez que se ampliou não somente a possibilidade de participação de outras pessoas e organizações que concordem com a carta de princípios, como, também, decidiu-se coletivamente sobre os novos rumos da UPMS.

É a partir da síntese da Oficina 2 apresentada no dia 24/01/2012 por Lourdes Huanca (Peru) e Lílian Gomes (Brasil), ampliados e reapresentados por Nilma Gomes (Brasil) durante a “Mesa do dia 28/01/2012” que os pontos principais, a seguir, foram organizados.

PONTOS PRINCIPAIS DA OFICINA 2

1 - A Oficina 2 não foi apenas uma oficina temática. Ela congregou os sujeitos dos movimentos sociais e intelectuais ativistas.

Sendo assim, já no primeiro dia esses sujeitos em movimento questionaram e criticaram uma relação de ausência no título da própria oficina e incoerência entre este e a sua própria composição. A presença do movimento feminista nas suas várias vertentes e formas e do movimento LGBT no Brasil e demais países latino - americanos não estava contemplada. Ficou de fora do título da oficina os militantes e intelectuais engajados que atuam no campo da diversidade sexual. Ao serem advertidos dessa situação, todos os integrantes concordaram com a mudança do nome da Oficina 2 e a ela acrescentaram o que julgaram ausente. Portanto, ela passou a se chamar: *“Interculturalidade, Plurinacionalidade, Afrodescendentes, Indigenas e dissidência sexual”*.

2 - O desafio da tradução intercultural e interpública:

Durante a oficina alguns conceitos usados pelos integrantes nas suas diferentes lutas

⁷ Devido a problemas técnicos a exibição da vídeo-carta no dia 28/01/2012 foi suspensa. O material teve que passar por uma readaptação e readequação para entrar definitivamente no site da UPMS.

tiveram que ser explicitados. Muitas vezes, era necessária uma tradução desses conceitos por meio da comparação, pois tivemos que enfrentar o desafio da língua e da linguagem: português e espanhol, bem como diferentes sotaques do espanhol e do português. Aquilo que parecia ser comum e compreensível a todos nem sempre o era. Assim, o cuidado com a explicitação do que se queria dizer e a necessidade de “hablar despacito” foram constantemente lembrados. Também o cuidado para que alguns materiais escritos fossem apresentados em espanhol e português foi destacado.

3 - A urgente necessidade de compreensão, na prática, da articulação entre o direito social e dos direitos coletivos.

A Oficina 2 revelou, a todo momento, que ali se discutia e estava explícita a tensão e o conflito vivido pelos seus sujeitos na luta pela garantia de direitos coletivos na América Latina.

Refletiu-se sobre o desafio de produzir outras histórias, fazê-las emergir, superar nossas ignorâncias sobre outras histórias, ouvir outras narrativas diferentes do enfoque eurocêntrico, tal como a história nos foi contada. Reconhecer a existência de outras histórias pautadas em outras lógicas e, nesse processo, compreender que ainda falta um diálogo intercultural e interpólitico entre os ativistas dos movimentos sociais e intelectuais engajados da América Latina, África e do Sul Global de modo geral.

4 - A superação do imaginário colonial do Brasil em relação aos outros países da América Latina.

Em vários momentos, os integrantes brasileiros da Oficina 2 foram repreendidos e alguns se autorepreenderam quando utilizavam a expressão “o Brasil e a América Latina”. Reconheceu-se que o uso de tal discurso expressa a forma como se o Brasil se vê diante dos outros países da América Latina. É como se ele não fizesse parte do continente latino-americano ou tivesse alguma prioridade nessa relação, o que expressa a postura colonial com a qual o Brasil se coloca em relação aos demais países.

Reconheceu-se que o fato de termos na UPMS ativistas de movimentos sociais e intelectuais engajados que lutam pela emancipação social, não foi suficiente para superar essa arrogância histórica.

5 - Nas vivências e lutas dos seus sujeitos da Oficina 2 estavam presentes as temáticas das Oficinas 1 e 3.

Na Oficina 2 estavam presente parte dos sujeitos concretos que hoje vivem toda a violência imposta pela atual forma de organização do capitalismo no mundo que explora, destrói, desorganiza, violenta e mata o meio ambiente e as pessoas. Uma violência capitalista que destrói vidas humanas e histórias construídas na relação com a terra, a água e o território, persegue povos, etnias, raças e culturas muitas vezes com aquiescência do próprio Estado.

Estavam presentes ativistas dos movimentos sociais e intelectuais engajados que têm participado diretamente da luta pela defesa da água, da terra e da produção agrícola sustentável. Para além de pequenos produtores rurais, a Oficina contou com a presença de mulheres indígenas campesinas, lideranças indígenas, quilombolas e povos do campo que mais contundentemente expressam essa luta. Portanto, os sujeitos da Oficina 2 representam coletivos sociais que continuam sendo vítimas de genocídios na América Latina e outros continentes.

Um dos maiores focos da Oficina 2 foi a necessidade de reorganização dos movimentos sociais e da produção intelectual engajada na luta pelo direito à vida, pela autodeterminação dos povos, por uma vida sustentável, pela economia solidária, pela soberania alimentar, pela ressignificação política dos direitos humanos.

Essas dimensões da dinâmica social e política se fizeram presentes na vida dos sujeitos em movimento da Oficina 2 e nas suas narrativas de lutas. Por isso, o tema da oficina 1: “Terra e soberania alimentar, direitos humanos e economia solidária/populares” e da Oficina 3: “Ecologia, Madre Tierra, Recursos Naturais e Extrativismo” se fizeram presentes nas discussões e nas trajetórias de vida e política dos integrantes da Oficina 2.

6 - A constatação de que o Estado, na América Latina e em outros lugares do mundo, está cada vez mais refém do capital.

O lugar do Estado e a sua relação com os movimentos sociais marcou as discussões e reflexões da Oficina. Discutiu-se que o capitalismo, na sua mais atual versão, se expressa por meio de acordos, dependência financeira e inserção violenta de seus quadros políticos e empresarias na estrutura do Estado. Cada vez mais a ideologia mercadológica das grandes empresas capitalistas se insere nas lógicas e nas políticas do Estado, inclusive, dos governos de caráter progressista.

Algumas indagações surgiram ao longo da oficina: afinal, o que é o Estado? Pode-se dizer que o Estado dito democrático e popular é um aliado dos movimentos e das lutas sociais? Ou ele é um inimigo? Qual tem sido a relação dos movimentos sociais com o Estado nos diferentes países da América Latina? E na África? E na Europa? Tem sido uma relação de: Confronto? Pressão? Aliança? Negociação? Cooptação? Ou todos esses?

Quanto poder tem os movimentos sociais para incidir sobre o orçamento do Estado? Quando o Estado e suas políticas dizem garantir recursos públicos aos movimentos sociais por meio de políticas e programas, isso se faz na perspectiva do reconhecimento dos direitos? Ou essa relação com o Estado e os recursos públicos vindos das políticas públicas aprisiona e/ou acomoda os movimentos sociais e os intelectuais engajados?

APRENDIZADOS DA OFICINA 2

Apresentamos, a seguir, uma tentativa de síntese da riqueza desse importante aspecto discutido durante a oficina e que poderá apontar caminhos para as futuras oficinas da UPMS e para o trabalho dos movimentos sociais e intelectuais engajados presentes.

- a) o reconhecimento de que, ao saber a existência de uma escala de lutas sociais (nível transnacional, nacional e local), devemos superar a tendência de priorizar uma escala em detrimento da outra. O desafio está em conectar as lutas e suas escalas e lançar mais atenção para as lutas locais que tendem a ser desconsideradas.
- b) a compreensão de que devemos superar a tendência a hierarquizar os movimentos sociais e suas lutas. Para tal, a construção do interconhecimento entre os movimentos é importante. Por isso, a ampliação da proposta da UPMS se faz urgente.
- c) é importante compreender que o que nos une e nos separa possui estreita relação com o modo como a história foi escrita e contada. Somos herdeiros de uma perspectiva

ocidental de mundo e de ciência que nos produziu como separados. Esse processo tem como consequência a forma como nos concebemos e pensamos como sujeitos. Assim, é necessário repensar a história dos movimentos sociais a partir da escuta atenta àquilo que os próprios movimentos têm a dizer. Para os intelectuais engajados se coloca o desafio de repensar a própria produção teórica sobre os movimentos sociais. A Oficina 2 salientou ainda mais a necessidade da produção de um conhecimento que se realize junto com os movimentos sociais, com a participação dos movimentos e não sobre os movimentos e suas lutas.

d) a Oficina revelou a produção de saberes e ignorâncias dos seus participantes, ou seja, a incompletude dos saberes. Esta se deu ao longo das dinâmicas, discussões em grupo e momentos coletivos, porém, foi mais tensa no momento em que se perceberam interpretações acadêmicas e políticas distintas sobre a questão racial no Brasil e na América Latina e o uso do conceito de raça pelos ativistas do Movimento Negro brasileiro. Inicialmente, não houve concordância entre os ativistas negros e alguns intelectuais brancos presentes na Oficina 2 sobre o conceito de raça e sua operacionalidade na luta contra o racismo, no Brasil. Posteriormente, houve por parte dos intelectuais o reconhecimento da sua própria ignorância sobre a forma como o Movimento Negro brasileiro interpreta e adota o conceito de raça na sua luta política e o reconhecimento público de que seria necessário, da parte dos intelectuais, fazer outras leituras sobre o tema e repensar a forma como o conceito tem sido por eles interpretado.

e) Também em um dos subgrupos houve a discussão tensa sobre o machismo como uma concepção presente nos processos educativos e na cultura. Houve, também, o reconhecimento público de um dos ativistas de que a postura machista precisa ser superada na relação entre homens e mulheres dentro dos movimentos sociais.

f) E por último, a voz das mulheres indígenas de alguns países latino-americanos da Oficina 2 revelou para todos de que há diferentes lugares e processos para a construção dos saberes: para além da universidade convencional, muitos aprendem na Universidade da Vida. Nesta, fazem o seu mestrado nos processos de lutas que se dão nas ruas, nos confrontos com o poder. Realizam o seu doutorado nas prisões e no risco cotidiano à sua própria vida, pois não desistem de defender direitos básicos como: terra, água, território, o direito de ser como é na sua própria diferença de gênero, raça, etnia, orientação sexual, ou seja, o direito do digno e justo viver.

PARA ALÉM DA OFICINA 2

No decorrer do Fórum Social Temático, vários integrantes da Oficina 2 continuaram juntos, hospedados no mesmo hotel, em Canoas. Isso possibilitou a ampliação da troca e do interconhecimento pessoal, acadêmico e político.

Foi possível, portanto, criar uma rede de solidariedade para possibilitar a estada digna de vários colegas de outros países até o término do Fórum Social Temático: organização em pequenos grupos para ir às atividades junto com ativistas de outros países que não conheciam bem o espaço da cidade, informações sobre deslocamento, rateio financeiro entre os integrantes para possibilitar passeios conjuntos de todo o grupo.

Nessa dinâmica, os integrantes puderam participar de uma roda de capoeira angola na Capoeira Angola Nascente Palmares do Sul – Bairro Guajuviras, Canoas, sob a direção do Mestre Dino (José Rodolfo Carrinho Viana), um dos integrantes da Oficina. A ida à roda de capoeira, em uma das noites de convivência em Canoas, possibilitou conhecer mais de perto as narrativas a respeito da capoeira angola, uma forma de resistência afro-brasileira. Novamente se cruzaram: saberes e ignorâncias, intelectuais e ativistas, vida e de luta.

ANEXOS

LISTA DOS PARTICIPANTES DA OFICINA 2 - UPMS

Nome do Participante	ENTIDADE/ MOVIMENTO	PAÍS	Contato e-mail
1. Alvaro Queiruga	Coordinador da Área de Comunicações del Colectivo Ovejas Negras	Uruguai	alqueiruga@gmail.com
2. Carla Marques	Presidente da Associação das Mulheres Negras de Canoas – AMUNECA	Brasil	amuneca2010@hotmail.com
3. Daniel Tygel	Integrante do Coletivo Educação, Informação e Tecnologia para Autogestão.	Brasil	dygel@gmail.com
4. Dinarte Belato	Unijui – Educação Popular	Brasil	dinartebelato@uol.com.br
5. Dutsã Topiro	MOPIC - WARÁ	Brasil	dutsatopiro@yahoo.com.br
6. Eber Marzullo	Professor –pesquisador Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) – UFRGS e professor de Planejamento e Gestão Urbana da Faculdade de Arquitetura – UFRG	Brasil	ebermarzullo@ufrgs.br
7. Fernando D'Elio	Miembro de la Comisión Directiva de Akahatá-Equipo de Trabajo en Sexualidades y Genero	Argentina	fernandodelio.ba@gmail.com
8. Giana Flores da Rocha	UFRGS	Brasil	gianadarocha@gmail.com
9. Isabel Cristina Genefício	Presidente da Associação Quilombola Chácara das Rosas	Brasil	hacaradasrosas.canoas@gmail.com
10. José Rodolfo Carrinho Viana	Presidente da Associação de Capoeira Angola Nascente Palmares do Sul – Bairro Guajuviras.	Brasil	capoeirapalmaressul@gmail.com
11. Larissa Amorim Borges	Movimento Negras Ativas	Brasil	negromaborges@yahoo.com.br
12. Lilian Celiberti Rosas	Secretaria Ejecutiva de la Articulación Feminista Marcosur y Coordinadora de Cotidiano Mujer Colectivo Feminista de Uruguay	Uruguai	lilian.celiberti@gmail.com
13. Lilian Cristina Bernardo Gomes	CESAL, Centro de Estudos Sociais América Latina e do Observatório da Justiça Brasileira (OJB).	Brasil	lcbgomes@yahoo.com.br

14. Lourdes Huanca Atencio	FEMUCARINA - Federación Nacional de Mujeres Campesinas, Artesanas, Indígenas, Natvas y Asalariadas del Perú	Peru	lourdeshuanca@yahoo.com.es
15. Luana Natielle Basílio e Silva	Articulação de Mulheres Negras Brasileiras	Brasil	natielleluana@hotmail.com
16. Luis Alfonso González Oña	Corporacion Grupo Salinas	Ecuador	exportaciones@salinerito.com
17. Luzia Antonia Apodonepá de Oliveira	Liderança das Mulheres Indígenas – Educadora em economia solidária, Militante dos movimentos indígenas, conselheira local de Saúde, conselheira titular Municipal de segurança alimentar	Brasil	luziamutina@hotmail.com
18. Mafalda Eugenia Galdames Castro	Movimiento Mujeres Campesinas (Movimiento Mapuche Chileno)	Chile	mafipoeta@hotmail.com
19. Maria Paula Gutierrez Meneses	CES- COIMBRA e CES Aquino de Bragança, Moçambique	Moçambique, Portugal	mpmeneses@gmail.com
20. Miguel Gonzalez Arroyo	UFMG	Brasil	g.arroyo@uol.com.br
21. Milene Machado	Marcha Mundial das Mulheres	Brasil	mpmguarani@yahoo.com.br
22. Narciso Barrera-Bassols	Antropólogo e geógrafo do México que atua na assessoria a movimentos sociais indígenas	México	barrera@itec.nl
23. Nilma Lino Gomes	CESAL-BH - Professora Associada FAE/UFMG, coordenadora geral do Programa Ações Afirmativas na UFMG, membro da diretoria do CES-AL.	Brasil	nilmagomes@uol.com.br
24. Petrona Pereyra - Peti Pichinam	Centro Educativo Pueblo Mapuche Federación Neuquina Mapuche	Argentina	mapuzomo@yahoo.com.ar
25. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva	Professora do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCAR e Movimento Negro	Brasil	pbgs@terra.com.br
26. Rosângela Goes	CFES Centro Oeste -	Brasil	rosagoes@gmail.com
27. Rui Leonardo Souza Silveira	Educação do Campo – MST	Brasil	ruileo3@yahoo.com.br
28. Ruth Mary Ramos Azañedo	Movimiento Lesbiano y Del Movimiento Homosexual de Lima	Peru	rramos@mhol.org.pe
29. Sandra Andréia Soares Mendonça	Morada da PAZ – Responsável pela Área Estratégica de Gestão de Recursos e Relações Exteriores	Brasil	moradadapaz@gmail.com
30. Segundo Tercero Iglesias	Antropólogo Social y Cultural; Coordinador Adjunto de La Escuela Internacional Democracia y	Espanha	segundo.tercero@iecpala.es

	Cooperación; IEPALA – Instituto de Estudios Políticos para América Latina, África y Asia		
31. Shirley Aparecida de Miranda	CESAL BH – Professora Adjunta na Faculdade de Educação da UFMG; coordenadora do Curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas e integrante de coordenação do Programa Ações Afirmativas	Brasil	shapmiranda@uol.com.br
32. Tatiane Izabela dos Reis	Educação	Brasil	tatiameizabela@yahoo.com.br
33. Virginia Vargas	Intergrante del Consejo Internacional del Foro Social Mundial, en representación de Articulación Feminista Marcosur	Peru	ginvargas@gmail.com
34. Zélia Amador de Deus	Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) – Professora da Universidade Federal do Pará, ativista do movimento negro, membro da CADARA- MEC. Presidente da Associação Brasileira de 3 Pesquisadores Negros –ABPN –, Coordenadora do Grupo de Estudos Afroamazônicos da UFPA.	Brasil	zelia@amazon.com.br

IMAGENS E RECORDAÇÕES



Apresentação geral da oficina – 22/01/12



Apresentação dos participantes – 22/01/12



Dinâmica dos sapatos – 23/12/12



Participantes da Oficina – 22 e 23/01/12



Dinâmica dos Sapatos – 23/01/12



Momentos de discussão – 23/01/12



Mística “Os 4 Elementos” – 23/01/12



Coordenação dos trabalhos – 23/01/12



Socialização das três oficinas (UFRGS) – 24/01/12



Socialização das três oficinas (UFRGS) – 24/01/12



Socialização das 3 oficinas (UFRGS) – 24/01/12



Socialização da UPMS no FST – Mesa do dia 28/01/12